

A ADMINISTRAÇÃO DE D. DINIZ

(FRAGMENTO INÉDITO DO LIV. 1.º DO 2.º VOLUME DA «HISTORIA DE PORTUGAL» DA EMPREZA LITERARIA DE LISBOA)



UASI pelo mesmo tempo que D. Diniz levava á realisação, nas ordens militares as reformas que relatamos, effectuava outra não menos importante na marinha nacional, que seria, como aquellas, uma das causas principaes da nossa grandeza futura.

Esta nova providencia prende-se porém a uma ordem de factos especiaes, á administração geral do reino, em relação, principalmente, ao seu progresso material, uma das mais características feições da politica de D. Diniz, e que, através dos seculos, lhe gravou o nome na memoria affectuosa do povo.

É um vasto assumpto proprio de quadro grandioso; — um dia, se podermos, desenhal-o-hemos largamente, como o exige a sua importancia; — hoje apresentaremos apenas um leve esboço, por mais nos não permitir a estreiteza do tempo e dos limites desta publicação.

Não se tem encontrado documentos que nos dêem ideia exacta da população geral do paiz, por esta época. Sabe-se apenas dum que se refere a pequena parte do reino. É o rol dos besteiros do couto que deviam ter algumas das primeiras terras da Extremadura e da Beira Alta.

Por o julgarmos em extremo precioso, copiámol-o, na integra, do Archivo Nacional, e para aqui o transcrevemos:

— «Estes son os Beesteiros, que deven hyr a serviço d'El-Rey assi como disseron os Anadares de Santarem, e de Auvrantes, primseiramente de Auvrantes 32 Beesteiros, e estes devem avir a serviço d'El-Rey.

De Thomar 32 Beesteiros, e estes devem ahir a serviço d'El-Rei per sá custa da Hordim, e develhis a dar a Hordim entre quatro Beesteiros huma Besta para levar seu Arnez.

De Pombal 21 Beesteiros, e estes devem ahir a serviço d'El-Rei a acusta da Hordim.

De Soure 12 Beesteiros, e devem a hir a serviço d'El-Rey per sá custa da Hordim.

De Torres Novas 21 Beesteiros.

De Ourem 21 Beesteiros.

De Porto de Moos 10 Beesteiros.

De Leirea 10 Beesteiros.

De Penela 6 Beesteiros.

De Miranda 4 Beesteiros.

De Arouci 12 Beesteiros.

De Coimbra 31 Beesteiros.

De Monte mór o Velho deve aaver 21 Beesteiros.

De Alcanidi 15 Beesteiros.

De Santarem soyam cerca 60 Beesteiros, e estes devem fazer serviço cum seos Concelhos, e se perventura os mandar El-Rey para seu serviço, fazer-lhes El-Rey porem bem, e mercece.» (1)

Este documento escrito em bellos caracteres gothicos num pequeno caderno de pergaminho, onde se lêem outros de diversas datas, tinta e letra, não tem indicação do dia ou anno em que foi feito; mas, pelas regras diplomaticas, parece aos paleografos pertencer á ultima metade do seculo XIII, aos derradeiros annos do reinado de Affonso III, ou primeiros de D. Diniz.

A estatística dos besteiros, especie de milicia popular e obrigatoria, é de summa importancia, para calcular a população das terras, a que diz respeito.

«Faredes os besteiros do conto, diz a *Ordenação Affonsina*, (2) dos homens de mester, a saber: sapateiros, alfaiates, ferreiros, pedreiros, carpinteiros, almocreves, tanoeiros, re-

gataãs e outros quaesquer mesteiraes, com tanto que sejam casados, e não sejam lavradores, que continuadamente lavrem com junta de bois, não embarguando que alguns destes allequem que são criados dalguns nossos capitães e vassallos, ou serviram com elles na guerra.»

Tomando esta base, bons autores, Soares de Barros, Balbi, Rebello da Silva, (1) calculam que um besteiro correspondia a 213 pessoas, entrando neste numero os homens de todas as classes, as mulheres e as creanças, pois que não deviam ser numerosos aquelles cidadãos soldados, sahidos exclusivamente dos gremios industriaes e do pequeno commercio, num tempo em que este é a industria começavam apenas a iniciar-se, e eram pela maior parte exercidos por mouros e judeus.

Do arrolamento dos besteiros deduz-se, aceitando a indicada proporção, que Santarem tinha 3:195 fogos de quatro pessoas cada um, ou 12:780 habitantes; Coimbra 1:650 fogos e 6:600 almas. Abrantes e Thomar eram de população quasi igual, sendo de 6:800 individuos. Pombal tinha 4:470; e igual numero possuiam Torres Novas, Ourem e Monte-mór-o-Velho; Leiria encerrava 2:130 moradores, Soure 2:550, Porto de Moz 2:130, Arouca 2:550, Penela 1:270 e Miranda 850.

Comparando este arrolamento, infelizmente parcial, com outros posteriores mais completos, nomeadamente com os de 1417 e 1422, que veem transcritos, este na referida *Ordenação*, e aquelle na *Memoria* de Soares de Barros, e que provavelmente são um só, podemos concluir, com certa segurança, — que Portugal em tempo de D. Diniz contava menos de 900:000 habitantes.

Era Lisboa a cidade mais populosa do reino, contendo algumas dezenas de milhares de moradores, pois possuia 15:000, quando Affonso Henriques a conquistara e já tinha 63:750 no tempo de D. João I. Apoz Lisboa, apontavam-se Guimarães e Santarem. Silves fôra a maior povoação do Algarve, mas declinara, de dia para dia, depois da queda do dominio arabe. O Porto, que tão opulento e poderoso seria no futuro, era ainda então um burgo pouco habitado, tanto que, quasi um seculo depois da morte de D. Diniz, não contava mais de 8:500 visinhos. Mas foi exactamente, na época gloriosa do Mestre d'Aviz, que a rainha do Douro começou a ter verdadeira importancia politica, militar e commercialmente.

Não se podem considerar como seguros os numeros apontados, não significam mais do que aproximações, tiradas por indução; dão comtudo uma ideia accetivel da população do paiz.

Tinha esta por base os elementos indigenas, poderosamente auxiliados com as constantes migrações de estrangeiros, francezes, inglezes e allemães, promovidas pelos primeiros monarcas; lutara todavia, sempre, com terriveis causas de destruição, a guerra constante, as pestes, as fomes e os terremotos, flajelos muito mais frequentes naquelles seculos do que hoje, e que a não deixavam tomar grande incremento.

O reino estava dividido em cinco vastas provincias, então dominadas comarcas: Alemtejo e Algarve, — Extremadura, — Beira, — Entre Douro e Minho — e Traz os Montes, divisão perfeitamente logica para o tempo e que satisfazia ás necessidades administrativas do estado. Eram cidades principaes, senão capitaes destes districtos—Evora, Lisboa, Coimbra, Guimarães e Bragança.

(1) Soares de Barros, *Memorias sobre as causas da diferente população em diversos tempos de Portugal*, no volume I das *Memorias Economicas* da Academia Real das Sciencias. — Balbi, *Varietés politico-statistiques*, pag. 104. — Rebello da Silva, *Memoria sobre a população e agricultura de Portugal*, pag. 42 a 54.

(1) Arch. Nac. G. 9, M. 10, n.º 27.

(2) *Ord. Aff.*, liv. 1, tit. 68, n.º 15.

D. Diniz, assumindo o governo, seguiu, como temos dito, a política de seu pae, promovendo, por todos os modos, e em todos os sentidos, o progresso interno da nação.

Logo em 1286, procurando augmentar a povoação das costas do reino, para melhor resistirem aos corsarios da Barbária que as assaltavam, pensou, entre outras providencias, em povoar um porto, então excellente para a pesca e para o commercio, intitulado Paredes; ficava duas leguas ao norte da villa da Pederneira, e a pouca distancia da cidade de Leiria, muito frequentada de el-rei, pela abundancia de caça que se encontrava no termo.

Em 28 de outubro, passou D. Diniz carta de povoação a trinta moradores, com a obrigação de sempre terem prontas seis caravelas para pescaria, e «para que accommodassem casa lhes mandou dar a cada um seu moio de trigo.»

Cresceu rapidamente a villa de Paredes, e augmentou até ao reinado de D. Manuel. Mas, cercada de areas e a descuberto, foi mais tarde de tal modo alagada por elles, impellido pelos ventos contra as edificações e o porto, que este ficou completamente obstruido e as casas soterradas; sendo o lugar abandonado inteiramente pelos moradores. (1)

Em 1295, fundou e povoou D. Diniz, Salvaterra dos Magos, cujo fertil paúl, em que se levantaram as construcções, lhe foi doado pelos vereadores do concelho de Santarem, que era o senhorio, estando presentes ao auto e outorgando os nobres e homens bons da villa. (2)

Como já indicamos, deu a Martin Lourenço de Cerveira carta regia de povoador da mata de Urgueira, no termo de Ourem, em 20 de maio de 1299; e no dia seguinte concedeu foral aos povoadores da *Villa Nova* que edificára na Foz do Coa; ficava apenas separada da fronteira de Leão pela corrente do Douro, e, não obstante isso, levantou-se, imprudentemente, sem muro ou defensão alguma.

Constando a D. Diniz que no termo de Torres Novas, entre a Cardiga e Besilga, havia bons terrenos, mas incultos, accidentados e de disposição apropriada a acoar os numerosos salteadores que os infestavam, com repetidos atentados,—entendeu que o melhor remedio, para debelar este mal era povoar esses sitios ermos e selvaticos, e promover nelles a agricultura e a vida social. Neste intuito, em 5 de setembro de 1303, mandou por carta regia fundar ali as povoações da Aceiceira, Atalaia e Tojal. Para attrair os povoadores deu-lhes el-rei varios privilegios e quitou-os do pezado imposto das jugadas. (3) No futuro, tornaram-se notaveis,—Atalaia, por ser cabeça de condado, populosa e fertil, e Aceiceira, por que foi scenario da ultima e decisiva victoria militar da causa liberal, no presente seculo.

Muito mais importantes porém do que estes lugares da Extremadura, fundou D. Diniz duas povoações na comarca Traz-os-Montes,—foram Montalegre e Villa-Real.

Na primeira já antes houvera moradores, mas a uns ceifara-os a morte, outros haviam abandonado a terra, fugindo ás violencias dos exactores do fisco. A fundação de Villa-Real fôra primeiro planeada por Affonso III; em 1272, mandára-a edificar e dera-lhe foral, concedendo-lhe os direitos reaes sobre a terra das Panoias, vasta circumscrição daquella parte da comarca. (4) Mas as perturbações clericas no reino eram grandes; não appareceram povoadores; e o Bolonhez morreu, sem ver realisado o seu pensamento. Coube ao filho essa tranquilla e civilisadora gloria.

(1) *Mon. Lus.*, p. 5, l. 16, c. 51.

(2) *Ibid.*, p. 5, c. 17, c. 26.

(3) *Ibid.*, p. 6, l. 18, c. 3.

(4) *Concedo vobis hominibus populatoribus, qui habitaveritis in terra de Panoias, que vocatur, Villa-Real, omnes meas reas et omnes meos directos de terra de Panoias.* (Lib. d'el-rei D. Af. III, fol. 117.)

As correrias dos castelhanos e leonezes nas nossas fronteiras, motivadas pela rebeldia de Alvaro Nunes de Lara, coadjuvado pelas inquietações do infante portuguez D. Affonso, mostraram a Diniz que era preciso prover de gente e lugares fortificados a comarca de Traz-os-Montes, confinante de Leão e da Galliza e tão afastada do centro de Portugal.

Instigado pois pelo exemplo de seu pae, desejos proprios de dar incremento ao paiz e necessidade de tratar da sua defeza,—D. Diniz, em 3 de janeiro de 1289, mandou povoar Montalegre, e no mesmo dia passou carta de povoação e foral para que, no fertilissimo districto de Panoias, se edificasse Villa Real. Limitou-lhe mil moradores; ordenou que fosse cabeça da referida circumscrição; e deu privilegios especiaes aos seus habitantes, entre elles o de ser a villa governada por dois juizes, sem que o alcaide-mór, apezar de representante directo do poder real, podesse intervir com elles na justiça, competindo-lhe exclusivamente a defeza do Castello. «Se el-rei quizer fazer alcacer, deve hy meter-se Alcaide que o guarde, & fique a justiça nos juizes, & nom aver o Alcaide hy parte, salvo em guardar seu castello.» —diz o foral de D. Diniz, indo muito alem das concessões de Affonso III.

Decorridos tres annos, já a nova povoação se achava mui adiantada nas edificações e numerosa de habitantes. Atendendo ás necessidades que o tempo mostrára, D. Diniz, em 24 de fevereiro de 1292, deu outro foral a Villa Real, mais apropriado e completo do que o primeiro e confirmando os privilegios concedidos. Para mais claramente mostrar a especial predilecção que consagrava a esta obra, dedicou ao seu patrono espiritual, o martir S. Diniz, a igreja matriz da nova villa: a ideia religiosa estava então inherente ás mais nobres aspirações de todos os espiritos.

Villa-Real conservou-se, largos annos, nos dominios da corôa, sendo cedida a diversas rainhas. Diniz deu-a a sua esposa D. Isabel, Affonso IV a D. Brites e Fernando a D. Leonor; —depois é que passou ao senhorio de condes e marquezes.

A feracidade do solo que a rodea e a actividade dos habitantes a tornaram com os seculos uma das primeiras capitais do norte do reino, perpetuando, atravez das idades, o nome querido do fundador. (1)

Estabelecendo estas e outras povoações, não se esquecia D. Diniz, na sua solicitude, na verdade admiravel, de augmentar, embellezar e fortificar as antigas cidades, villas e alcaceres do reino.

Reconstruiu quasi de novo as villas e castellos de Serpa, Moura, Mourão, Olivença, Campo-Maior e Ouguella; edificou ou reparou inteiramente as fortalezas de Monforte, Arronches, Portalegre, Marvão, Alegrete, Castel de Vide, Borba, Villa Viçosa, Arraiolos, Evora Monte, Veiros, Alandroal, Mouçarás, Noudar, Jerumenha, Redondo e Assumar; levantou a torre e alcacer de Beja; fortificou muito,—já o dissemos,—todas as villas da conquista de Biba de Coa, e bem assim Avô, Pinhel, Guimarães, Braga, Miranda do Douro, Monção e Castro Leboeiro; acastellou e povoou em grande parte, senão de todo, Vinhaes, Villa-Flor, Alfandega, Mirandella, Freixo d'Espada á Cinta e outras; emfim tornou defensaveis perto de cincoenta lugares mais ou menos importantes e espalhados por todos os pontos do reino. Lisboa tambem não foi olvidada pela sua poderosa iniciativa: levantou D. Diniz muitas casas, acomodando a população, sempre crescente da cidade, e augmentando com os alugueres os reidos da corôa; construiu alguns edificios publicos, nomeadamente o paço de Alcaçova e abriu a Rua Nova dos Ferros, a melhor da capital. (2)

(1) *Mon. Lus.*, p. 5, l. 16, c. 62.

(2) Ruy de Pina, *Chronica d'el-rei D. Diniz*, c. 32. — Duarte Nunes de Leão, *Chron.*, fin.

Foram também em grande numero as suas fundações religiosas. Semeou, por todo o reino, capellas, egrejas e conventos: impellia-o não só o espirito piedoso do seculo, mas também a ideia de que o templo, levantado no ermo, era começo natural de novas povoações. Entre estas obras distinguem-se porém duas bem conhecidas — o mosteiro d'Odivelas e o de Santa Clara de Coimbra.

O primeiro foi um voto da mocidade mantido até ao tumulo. Concebeu largo tempo a sua fabrica; lançou-lhe a primeira pedra em 27 de fevereiro de 1295; levou dez annos a edificá-la; e em 1325, trinta annos depois da fundação, ordenou ahi sua sepultura, pouco antes de falecer.

Pelo gothico e elegante cruzeiro no alto da collina; vastidão dos edificios; magnificencia de lavores, dentro e fóra do templo; fachada principal; coro sumptuoso e amplo; nave — que o terremoto de todo destruiu, mas que a tradição engrandece, — e, sobre tudo, pelo mausoleu do bom rei; antes das deturpações que hoje vemos, era Odivelas um monumento verdadeiramente notavel e dos mosteiros maiores e mais celebrados da península.

Fica duas leguas ao norte de Lisboa, numa planície, entre tres pequenos montes, Luz, Tojaes e S. Diniz que lhe cortam o horizonte; um riacho cristalino lhe rega a cerca e o jardim de Val de Flores. Pertence á ordem de Cister. Oitenta freiras o habitaram logo nos primeiros annos. A clausura era suave: não podendo o coro ser dividido da nave, nem por «grade, nem roda, nem outro maior encerramento de parede, nem de madeira, nem de outra cousa,» que vedasse ás religiosas ir á egreja, onde estava o moimento do rei, para sobre elle fazerem as suas orações e rezas. D. Diniz ahi recolheu as suas duas filhas bastardas. Estremeceu e cuidou tanto este convento que, apezar dos graves negocios da governação lhe preocuparem o espirito, duas vezes reformou a sua regra, e tornando-o opulento por numerosas e importantes doações, ainda o dispensou das leis da desamortisação, facultando-lhe o herdar. (1)

Deviamos ter conservado Odivelas com patriotico e esmerado zelo. Era um simbolo do seculo xiv, seculo rico de seiva e onde, por entre a barbaridade medieva, começaram a scintillar, com vigor, os primeiros arreboes da civilisação nacional. Um rei porém vilipendiou esse padrão com as suas sensualidades; e uma catastrophe natural o destruiu. O que hoje existe em Odivellas do antigo monumento de D. Diniz pouco mais é, fóra o cruzeiro, do que o local, as tradições, o nome e alguma pedra tumular.

O velho convento de Santa Clara de Coimbra, de cuja vasta edificação só restam ruinas quasi extinctas, não foi elevado, directamente, por D. Diniz; mas é devido á liberalidade com que dotou a rainha, sua esposa.

Uma opulenta dama, D. Mór Dias, canonisa do mosteiro de S. João das Donas, adstricto ao de Santa Cruz, fundou em 28 de abril de 1286, na margem esquerda do Mondego, a poucos passos da ponte, uma egreja e casas de religiosas, que dedicou a Santa Clara, e dotou com todos os seus haveres. Opozeram-se porém os conegos regrantes, alegando que Mór Dias, por ser professa na sua ordem não podia dispôr dos bens a favor doutra; e, pouco depois do falecimento da piedosa dona, obtiveram sentença do bispo de Lisboa, suprimindo o novo mosteiro e mandando entregar-lhes todos os haveres, que haviam sido da defunta. Dispersaram-se as religiosas por diversos conventos e começou a arruinar-se, com o abandono, a recente e incompleta edificação.

Foi então que a rainha D. Isabel tomou sobre si salvar a fundação de Mór Dias e reconstruir o mosteiro; com este in-

tuito, interveiu no litigio, que, sem effeito suspensivo, se achava em ultimo recurso affecto á santa sé.

Obteve a pretensão deferimento pontificio, e compozeram-se os padres de Santa Cruz, cedendo ao novo convento parte da herança de D. Mór. Em 1317, a devota princeza, acompanhada de muitos prelados e senhores, lançou a primeira pedra das grandes edificações a que ia proceder. Levantou a egreja, vasta, no genero gothico e com as tres naves do estilo; nas abobadas ogivae, que ainda existem, vêem-se esculpidos, a miudo, os escudos de Portugal e Aragão. O mosteiro foi, em todas as suas efficias, ampliado com grandeza. Apenas a casa admitiu moradores, a rainha mandou vir onze claristas da cidade de Çamora para com seu viver reformado, servirem de nucleo á nova comunidade; esta desde logo se augmentou, recrutada na primeira nobreza do reino, e chegou em breves annos a contar cincoenta religiosas. A fim de estar mais perto do santuario, Isabel de Aragão construiu, ao lado, um paço real, adequado á sua familia e sequito, «com uma vinha adjunta,» e, para complemento mais perfeito da sua obra, edificou-lhe contiguo um hospital, para abrigo, educação e tratamento de orfãos e pobres.

A celebrada rainha, com D. Beatriz sua nora e muitas senhoras da côrte, ahi passou largos annos de vida, dividindo os dias entre as rezas no côro e a pratica da caridade no hospital. Durante a viuvez, vestiu, sem professor, o habito humilde das minoristas de Santa Clara, e neste mosteiro dispôz jazigo, preferindo-o á sepultura que primeiro projectára, junto de seu marido em Odivelas.

No velho convento de Santa Clara, esteve enterrada a desventurada e gentil Ignez de Castro, até que o amor apaixonado de Pedro I a trasladou, com as mais faustuosas pompas regias, para o mausoleu precioso de Alcobaca (1361).

Neste mesmo mosteiro, no dia 15 de novembro de 1480, ante a côrte de Portugal e os embaixadores castelhanos, no meio das lagrymas e prantos de auditorio numeroso, foi D. Joanna, a *excellente senhora*, coagida a professar para deixar a Fernando e Isabel, desassombrados, no throno de Leão e Castella, de que a desditosa fóra jurada rainha e para o qual ainda a chamavam poderosos partidarios.

Mas a natureza havia condemnado a obra piedosa da esposa de Diniz; a pouco e pouco, a alluvião das areias do Mondego a ia subvertendo. Quando, no seculo xvi, D. Frei Bartholomeu dos Martires ahi prégou, ante o aventureiro e infeliz D. Sebastião, já era, havia muito, manifesta a impossibilidade de manter por longo tempo o velho mosteiro, apesar da relutancia das religiosas em abandonal-o. Por fim, foram ellas que sollicitaram de D. João iv remedio para o extremo em que se viam. Começou este monarcha, em 3 de julho de 1649, a edificação do convento novo de Santa Clara, a pouca distancia do antigo, no alto do monte da Esperança, onde hoje se vê.

Entre as freiras, em grande e solemne procissão, foi para lá trasladado o corpo da rainha D. Isabel, no dia 29 de outubro de 1677. Ainda não estava concluida a nova obra; e para o seu remate serviram, em grande copia, os materiaes da antiga.

(Continúa.)

Bernardino Pinheiro.



UMA AVENTURA DE WITHOYNE



WITHOYNE, o palhaço, ia na *diligencia* de Badajoz, a famosa *diligencia* antiga de Badajoz, Merida, Trojillo, Talavera de la Reina, com sua mulher e dois passageiros.

De certo se lembram ainda todos do bom clown e do seu ar grave e diplomatico, fóra do circo: homem baixo, embrulhado num historico e eterno paletó verde-garrafa forrado de pelles. A esposa era uma creatura clara, gorda, de pouco cabelo e muita dignidade. Davam idéa estes conjuges de dois honestos particulares, que acabassem de entreter a sua vida, viajando.

Eram os outros dois passageiros, um negociante, e um sacerdote.

O negociante, sujeito activo e folgazão, tinha uma mania. Quem é que não tem uma mania? Dava a si proprio maior importancia e estimação por ser mui agil, do que por seus talentos para o commercio.

Ao chegarem a Merida, saltou da diligencia o negociante, de um só pulo, e voltando-se para o nosso amigo de casaço de pelles, disse-lhe, rindo:

—O que se quer vêr é se o senhor é capaz de saltar por esta maneira!

O outro não respondeu.

—Isso é que se quer vêr!

A esta insistencia galhofeira, retrucou o do casaço de pelles:

—Vou vêr se o consigo, mas havemos de apostar alguma coisa. O chocolate desta noite, por exemplo?

—Está dito.

O homem do casaço de pelles armou o salto, entre gargalhadas dos espectadores, atirou com o corpo de um modo exotico e grotesco, mas foi parar a maior distancia ainda que o negociante.

—Bravo! gritaram todos.

O negociante pagou o chocolate.

De manhan, ao chegarem a Trojillo, apearam-se. Ha um fosso á esquerda da cocheira, como quem vai para umas terras... Novo salto do negociante, e novo desafio.

O outro fez-se rogar.

—Nada, o senhor agora deve-me uma desforra!

—Uma desforra!? Emfim, vá lá; apostemos então agora o almoço?!

—Está visto; aposta-se o almoço.

O pobre homem pareceu fazer um gigantesco exforço, e ainda não foi dessa vez o pulo: segundo exforço, e saltou.

De Badajoz até Madrid, na *diligencia*, era negocio para dois dias e tres noites...

Durante tres noites e dois dias, o nosso amigo do casaço de pelles foi saltando tudo, por maior que fosse a extensão do salto.

O negociante ficou enfraquecido, acossado, extenuado...

Ao chegarem a Madrid, disse-lhe o seu adversario, o homem do casaço de pelles:

—Agradeço muito o favor de me haver alimentado durante esta viagem com tanta bizzarria; e espero ter o gosto de o vêr esta noite, assistindo á minha primeira representação.

—O quê?

—Estou escriturado no Circo Price, defronte da Praça dos toiros, e principio já hoje os meus espectaculos...

—Os seus...?!

—Sou Withoyne, o palhaço.

Depois, voltando-se para sua mulher:

—Abafa-te, não te constipes!

E, virando-se outra vez para o negociante, que, pasmado, o media com a vista:

—Até mais vêr; e obrigado!

Julio Cesar Machado.

MORS-AMOR

Esse negro corcél cujas passadas
Escuto em sonhos, quando a sombra desce
E, passando a galope, me apparece
Da noite nas fantasticas estradas,

Donde vem elle? Que regiões sagradas
E terriveis cruzou, que assim parece
Tenebroso e sublime, e lhe estremece
Não sei que horror nas crinas agitadas?

Um cavaleiro d'expressão potente,
Formidavel, mas placido no porte,
Vestido d'armadura reluzente,

Cavalga a féra extranha sem temor.
E o corcél negro diz: «Eu sou a Morte!»
Responde o cavaleiro: «Eu sou o Amor!»

Pariz, 1877.

Anthero de Quental.



CARTA

AO EX.^{mo} SR. JOAQUIM DE VASCONCELLOSEx.^{mo} sr.

Quinta da Rainha, 10 de junho de 1878.



BRINDOU-ME V. Ex.^a com um exemplar do ultimo fasciculo da sua *Archeologia Artistica*, e ordenou-me (porque neste caso o seu pedido equivalia a uma ordem) que lhe escrevesse no *Instituto* uma «analise severa».

Tenho por costume abster-me de criticas para evitar dissabores, a que de ordinario se expõem aquelles que de qualquer livro escrevem o que verdadeiramente sentem. Obrigou-me a sahir da minha costumada abstenção a ordem impreterivel de V. Ex.^a Escrevi, pois, do seu livro, mas sem a *severidade* que de mim exigia. Não está na minha indole o ser *severo* para com alguém, e muito menos para com V. Ex.^a, a quem só devo consideração e respeito.

No *Instituto* de fevereiro deste anno todos podem verificar que louvei o livro, em geral; porém, na parte em que discordava de V. Ex.^a, manifestei com toda a isenção e franqueza a minha discordancia, socorrendo-me sempre dos factos que sabia em meu favor.

Na sua carta, publicada no ultimo numero da *Renascença*, (p. 31-36) não são as minhas impugnações e os factos que as apoiam que V. Ex.^a contesta. O que pretende persuadir é que eu não falei de cousas que V. Ex.^a asseverasse, porém de outras mui diversas que erradamente lhe attribui.

Sendo isto assim, o meu erro por força procederia ou da intelligencia ou da vontade. Se da intelligencia, teria eu sido incapaz de comprehender o livro. Se da vontade, teria querido falsear de proposito as suas opiniões para ter o gosto, ou, se V. Ex.^a quizer, a gloria de... refutal-as!

Não tenho por tanto de pugnar pelo que escrevi, que ninguem contestou; o que me importa é provar que toda a interpretação racional do livro faria crêr em que V. Ex.^a expendêra as opiniões que lhe attribui, e não quaesquer outras.

O assumpto que eu julguei tractado por V. Ex.^a foi aquelle que o proprio titulo está claramente indicando: *Albrecht Dürer e a sua influencia na Peninsula*.

Vendo a larga parte que V. Ex.^a dava a esta influencia, pretendi mostrar quão exagerada seria a opinião de quem a tornasse *quasi exclusiva*. Nega

V. Ex.^a que *Alberto Dürer e a sua influencia na Peninsula*, isto é, o objecto designado pelo titulo, fosse o principal assumpto do fasciculo.

Eis aqui as suas proprias palavras:

«A questão da *influencia* com relação a Dürer foi tocada por mim accidentalmente; a influencia dos representantes da arte ou das suas obras importadas entra só em segunda linha; o que é essencial é demonstrar a emigração directa e indirecta. Era esse o meu principal proposito. V. tomou um episodio, uma consequencia da questão, pela questão mesma.»

Tal foi o commentario ou glossa explicativa e justificativa que V. Ex.^a propoz á seguinte notavel proposição a fim de atenuar a discordancia em que ella ficava com o titulo:

«O assumpto que eu discuti no fasciculo IV da *Archeologia Artistica* resume-se no seguinte:

«*Fixar o itinerario das emigrações artisticas directas e indirectas* (de pessoas e obras) *para a peninsula* nos seculos XV e XVI.»

E numa nota accrescenta:

«Isto está claramente formulado no Prologo, pag. XIII-XVII.»

Donde necessariamente se deduz que V. Ex.^a errara o titulo do livro; que este erro deveria notal-o quem lêse o mesmo livro; e finalmente que as cinco paginas citadas do prologo bastariam a prevenir os leitores para que fechassem os olhos ás grandes versaes do frontispicio: ALBRECHT DURER E A SUA INFLUENCIA NA PENINSULA!

Admita-se por hypothese tudo isto como possivel. Mas passado o frontispicio e o prologo, seguem-se cinco capitulos em que V. Ex.^a tracta da influencia de Dürer, em concordancia com o titulo velho, e portanto em discordancia com o titulo novo. (1)

Talvez esta consideração, indo já V. Ex.^a no fim da carta, imperasse no seu animo, para, depois de me censurar por causa de não ter comprehendido o assumpto do livro, me absolver da culpa que a si mesmo tornou, como agora se verá nas suas proprias palavras:

«V. fez um unico reparo, não digo *unico*, imaginando que V. não pudesse nem soubesse fazer mais reparos com justo motivo — mas esse reparo não o mereço, esse defeito é imaginario. A culpa

(1) Eis aqui os titulos dos capitulos: I — Intervenção de Portugal na scena europêa (1499). II — Albrecht Dürer em Antuerpia. — Os feitores de Portugal. III — Alberto, Duque de Baviera nas suas relações com a peninsula (1550-1578). IV — Dürer e a feitoria portugueza (1520-1579). V — Influencia de Dürer na peninsula e especialmente em Portugal: a) Influencia practica e theorica de Dürer em Portugal. b) Influencia de Dürer em Hespanha. — RECAPITULAÇÃO. — Influencia europêa de Dürer no seculo XVI.

Depois segue-se uma ADDENDA, na qual se encontram algumas noticias que poderiam effectivamente servir para fixar o itinerario das emigrações, mas que em nada destroem ou alteram o assumpto do livro, bem claramente expresso nos capitulos citados.

foi talvez minha. V. deu importancia excessiva ao titulo da obra, mas é certo que esse titulo fui eu que lho puz. O meu trabalho tem esse defeito, além de outros que a critica poderá ainda apontar; o titulo representa uma parte da obra, um capitulo e não a somma ideal de todos os dez capitulos de que ella consta. O titulo primitivo era: *Ensaio sobre as emigrações artisticas para a peninsula*. Não o conservei, porque os documentos da Feitoria não puderam por força maior entrar na obra. Havendo sido a Feitoria a agencia central dessas emigrações, e tendo de suprimir os documentos, forçoso foi alterar o titulo.»

De sorte que primeiramente V. Ex.^a dá-me o comico papel da velha do Tolentino, daquella que

Pondo contra a luz a mão
E crendo que nesta rua
Está São Sebastião,
De Venus á Estatua nua
Faz mizura e oração.

Depois, arrependido do seu procedimento para comigo, por lhe parecer cruel em demasia e deshumano, confessa ter sido quem apresentára a sua Venus tão disfarçada com o nome e as setas de São Sebastião, que nem o mais pintado seria capaz de descobrir o disfarce e de reconhecer-lhe o sexo.

Julgo que mais valeria não ter V. Ex.^a escrito a sua carta. Acredito, porém, que um tal documento facilmente esquecerá. O que não hade esquecer é o seu livro, cuja importancia, disse e repito ser grande para a historia da pintura portugueza.

Eu tenho occupações; V. Ex.^a tambem de certo as terá: a *Renascença*, emfim, pôde e deve tractar assumptos de verdadeira utilidade. Permita-me, pois, meu amigo, que, pondo aqui ponto na minha carta, o ponha igualmente numa questiuncula que sómente será de interesse pessoal para qualquer de nós. Todavia julgo não ter faltado até agora á consideração com que sou

De V. Ex.^a
am.^o ven.^{do}r e cr.^o obrig.^o

A. Filippe Simões.



MITHOLOGIA IBERICA

(INSCRIPÇÕES ENDOVELLICAS DE VILLA-VIÇOSA)

(Conclusão)



XISTE em portuguez uma palavra cuja phisionomia destaca bastante na generalidade; é um termo vulgar, usual; encontra-se nos dictionarios com variantes orthographicas; é a palavra *endez* ou *éndes* que significa o ovo de negaça, colocado no sitio em que se quer que a galinha continue a postura. Uns derivam este termo do *intus* latino, o que parece forçado; na erudita memoria de Francisco Antonio de Campos, barão de Villa Nova de Foscôa, a p. 10 (*A lingua portugueza é filha da latina ou refutação da memoria em que o sr. patriarcha eleito D. Francisco de S. Luiz nega esta filiação. Lisboa, 1843*) deriva-se porém do cofta *éndes*, prolifico, fecundo, citando-se o glossario de Joblonski. (*Pantheon Egypt.*, liv. II, cap. VII.)

São conhecidas outras dedicações — Genio Martis, Genio Jovis.

A terminação *icus* é commum a outras divindades locaes da peninsula — Bormanicus, Bandiarbariaicus, Baricus.

Segundo Strabão adoravam os ibericos um deus sem nome — deus innominatus —; e muitos vestigios ha dum culto heliastico. O bode e o cavallo, que os lusitanos sacrificavam á sua divindade, são privativos do culto do sol. Os povos diversos que habitaram na peninsula tiveram seus cultos especiaes; e fundindo-se nalguns pontos esses povos, os seus cultos, os seus deuses, fraternisaram tambem. As divindades de Tiro, de Sidon, de Carthago, de Rhodes, da Phocida foram celebradas na velha Iberia; Isis e Serapis, Zeus e as varias fórmãs de Hercules, Salambó tiveram aqui seus santuarios. Mas ao lado dos deuses pelasgos, fenicios e egipcios, gregos e romanos, apparecem muitos outros nas inscrições de consagração. Bauveana, Baudiar e Baudua, Baræco e Baricus; Navi ou Naji; Eiduorius, Sutunius, Viaccus, Ipsisto, os Lugores, os Tugotes; Neton, Neci, Netau (Neith), são ha muito conhecidos. Os deuses celticos Teutates e Aletas tambem aqui tiveram adoradores. Nas inscrições da porção occidental da peninsula ha consagrações a divindades de primeira e segunda ordem, e a outras perfeitamente locaes.

Minerva, Esculapio, a Fortuna e a Piedade, o Sol e a Lua, os Lares têm suas inscrições. Outras a Serapi panthæo. . . Deo Marti victori. . . Pro-

serpina servatrix. Outras a D. S. Turubrig... Fontano et Fontanae... Tamæobrigo .. Deo ærno... Atæcina e Adæginæ... Deo Bormanico... Erma-deivorus... etc.

No tomo iv do *Museo español de antiguidades* publicou o sr. D. Fidel Fita algumas inscrições ineditas. Bod, Baud, Band, encontra-se como radical de nomes de divindades e de individuos. É da Galliza a seguinte: — DEO BO | DO. VEIC | IUS. VO | TU. S. L. M | .

Na metade setentrional da península eram adoradas muitas divindades cujos nomes comprehendem o radical *band*. São conhecidos os nomes: — Bandedeio (orense), Banderæico (Santa Maria da ribeira de Pena-Braga), Bandiæapolosego (Caceres), Bandiarbariaico (Capinha-Idanha). A lapida de Sorriba dá um nome de pessoa: — D. M. | BODERO | BODIBES | DOIDERIE | A.XXV | FILIO. SUO | M. P. H. | E. S. T. | . Ha ainda outra e mui curiosa: — M. P. D. M. | BOVICIO BODE | CIVES ORGNOM | EX. GENT. PEMB. | ELOR. VIPUMA | LU. POSUIT. | (Monumento erguido aos deuses Manes. Vipumalu o pôz a Bovecio filho de Bodicio, cidadão de Orginome, da gente pembelical.) Ha mais os seguintes nomes de pessoas: — Bodua, Boudinna, Bodon, Bodecius. É conhecido o nome da celebre heroína bretan Boadicea ou Voadica. Todos estes nomes parecem provir da raiz celtica *buadh* que traduzem por *virtus* ou esforço. Numa lapida de Leon menciona-se a divindade Devacocaburio, indigena como estoutra Vagodonego.

Cicero, tratando da natureza dos deuses, affirmava que eram tantos os seus nomes quantas as linguas das provincias e que por isso Vulcano tinha um nome na Italia, outro em Africa, e outro na Hispania. Mas além de taes variantes havia os deuses indigenas, locais; havia os santuarios isolados nos campos, nas montanhas, como as ermidas que a piedade catolica tem semeado por toda a parte, ou, mais realmente, como as necessidades da alma popular exigem em qualquer fase religiosa.

E em muitos casos ainda hoje nesses poeticos e desprezenciosos templos christãos visitados, quasi todos, annualmente em pintorescas romarias ha usanças tradicionaes, que devem exceder muito além dos primeiros seculos christãos; nas festas ruraes, principalmente no seio das charnecas, nos desvios das serras menos accessiveis ás influencias das civilizações, ha costumes populares, como que inherentes ás celebrações religiosas, que recordam usanças pagans, costumes tão arreigados, de tal modo fazendo lei, que a falta de observancia de qualquer delles seria reputada culpa grave.

Não ha muito, visitando a serra d'Ossa, onde por mais de dez seculos soou a palavra dos monges de S. Paulo, vimos um exemplo de antiquissima usan-

ça. Mesmo sobranceira ao convento está a gruta de S. Cornelio, uma pequena excavação no cabeço ingreme, encimada por velho e tosco cruzeiro. Ali vae a gente dos arredores depositar pães de centeio e armas de bois para que o Santo, ou antes o *genius loci*, livre o gado e as pessoas de molestias e perigos. E não se julguem raras tão extravagantes ofertas; de annos a annos é preciso despejar a gruta para receber novas oferendas.

Voltaremos a tratar alguns pontos aqui apenas indicados, tentando achar algumas resultantes seguras.

Gabriel Pereira.

SUPPLICA DUMA POBRE

(Á VIRGEM)

Senhora! sois Mãe
E Mãe de Jesus,
— A fonte da luz,
A fonte do bem.
Doei-vos da triste,
Que assim se consome
E apenas resiste
Ás maguas que tem.
Sou mãe! tenho fome,
Meus filhos tambem.

João de Deus.

ESCRAVO-MANIA

Mandas-me, cumpro. Eu sou o automato modesto,
Que a tua mão dirige e o teu olhar fascina.
Encerra a minha vida a curva purpurina
Da tua bôca e a luz do teu sorriso honesto.

Só quero o teu amor — profundo amor! — De resto
Em nada penso e creui; é esta a minha sina
E aos teus caprichos, flôr! todo o meu ser se inclina
Seguindo a sua lei, traçada no teu gesto.

Mas nesta escravidão, cujos grilhões aperto
E beijo tanta vez, ó lírio bom! de certo
Que nunca me hade o Sol do teu amor faltar;

E hãode-me assim correr as horas, como a gente
Vê correndo no azul as pombas mansamente,
Por sobre o claro espelho olimpico do mar.

Antonio Papança.



JOÃO PENHA

I



ERAM já Baruch? perguntava Lafontaine, entusiasmado com a leitura desse profeta. Tinhamos vontade de perguntar aos leitores: leram já os versos e os sonetos de João Penha?

É possível que para muita gente o nome deste poeta seja tão desconhecido, como era para o malicioso fabulista o nome de Baruch, e nada mais simples e natural, tendo o poeta publicado os seus versos num periodico provinciano, cuja tiragem não excedia a oitocentos exemplares.

Ora entre oitocentos leitores desse periodico havia duzentos com certeza que odiassem o verso. A poesia nunca teve grande numero de admiradores e devotos: os homens de sciencia, o povo, e os ignorantes raras vezes abrem um livro de versos e, quando o abrem, falamos dos primeiros, é quando o nome desse poeta foi devidamente chancelado nas regiões officiais, e consagrado pela opinião.

A poesia tem ainda um inimigo encarniçado e terrível nos prosadores, nos que nasceram sem essa faculdade, sem o dom maravilhoso do verso, naquelles para quem este não passa de uma bagatela engraçada, mas que não deixa de ser futil, quando não seja pretenciosa. Não são sensíveis á forma, á harmonia, á graça, á factura laboriosa e artistica do verso, e para não passarem como invejosos, affectam o prudente sorriso de Conzart, ante os versos impostos pela critica á admiração e ao applauso de todos.

Os grandes escritores do movimento romantico em França, os que acompanharam esse movimento entre nós, manejaram por igual a prosa e o verso.

O verso teve por isso nessa epocha grande acolhimento e aceitação.

Hoje ha tres ou quatro escritores com uma individualidade acentuada e potente, que não começaram pelo verso, a não ser que escondessem cautelosamente á longa orelha bestial do vulgo as estrofes que outrora perpetrassem em horas de enlevo e de mocidade.

É talvez desta pequena particularidade, de os escritores que hoje mais deslumbram e delicia a curiosidade portugueza, não terem começado pelo verso, que este cahiu em tamanho desafecto, o que não quer dizer que ainda não haja quem se aventure a passear pelos *squares* da moderna cidade, sem receios que o expulsem segundo as prescrições do Platão.

No numero dos que tem ainda pela poesia um culto extremo e desinteressado, sobresáe com vivo relevo a figura original de João.

II

O retrato que a *Renascença* hoje nos dá, representa o poeta quando academico ainda, envolto na sua travessa capa de estudante, o cabelo aos ventos, o olhar intrepido, o monóculo, o lendario monóculo ao canto do olho esquerdo, monóculo que era uma parte integrante da expressão do seu rosto, e que o poeta não abandonava, nem quando dormia. É assim que elle está na memoria de todos que o amaram, que conviveram com elle, que discutiram com elle, e que nas alegres e famosas ceias lhe applaudiam os dictos, os repentos, os improvisos, tão cheios de sal, de espontaneidade, e que

não faziam carêta para excitar o riso da galeria. Para se conhecer o poeta devemos analisar, descrever o homem, estudar a sua vida, e o meio em que elle viveu, vida e meio que deixaram em tudo o que o poeta produziu em vestigio immorreudou e profundo.

João Penha quando foi para Coimbra era um mocinho tímido e mimoso. Reinava desafortadamente o costume da troça academica; *calouro* que fosse apanhado á bôca da noute sem ser devidamente protegido pelo *veterano*, era espancado, quando resistisse, e mostrasse prosapias de pimpão, e quando se submettesse, cortavam-lhe então com magnanidade a cabelleira, e inchavam-lhe as mãos com rijas palmatoadas.

Á noute, á hora da ceia, ouvia João Penha contar estes e outros casos inauditos e assombrosos para quem sáe da sua pacata cidade natal, e se vê de repente em paiz de barbaros façanhudos.

Não podia sahír, não podia sósinho e livremente pelo vale de Coselhas, subir ao Penedo de Saudade, perder-se pelos bêcos e encrusilhadas antigas da cidade baixa, mas o que ninguém lhe podia estorvar, era a consoladora leitura dos bons livros, e era nisto que elle dispndia a maior parte dos primeiros annos da sua estada em Coimbra.

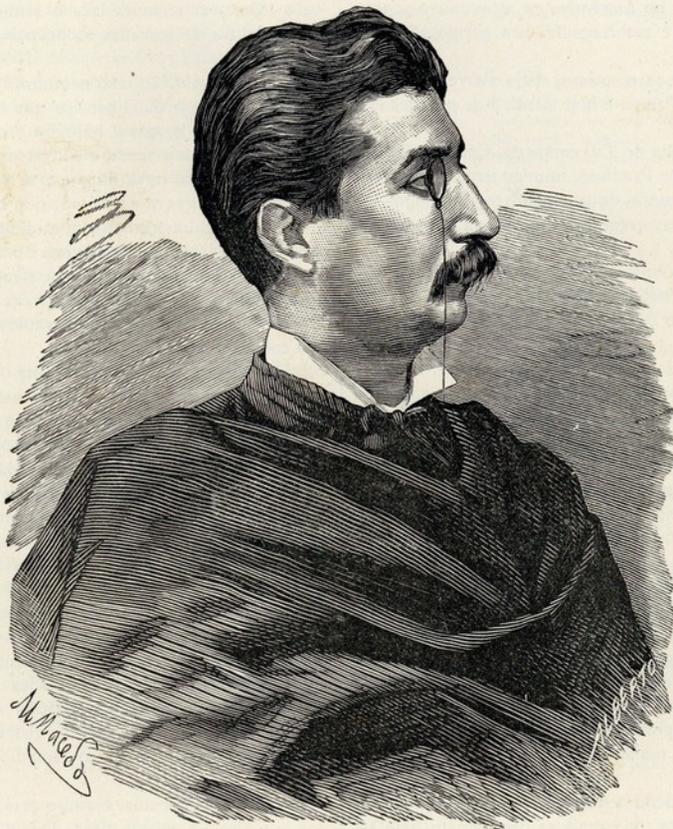
Não, não era nos livros substanciosos do sr. Bernardino Carneiro, nem nas ponderosas paginas dos compendios do sr. Manso Preto, que elle levava as horas aproveitaveis da noute: o que o encantava era a radiosa leitura dos poemas de Hugo, de Byron e de Musset, a cativante *Comédia Humana* de Balzac, a historia feudal de Inglaterra e Escossia vista atravez da opulenta imaginação de Walter Scott, a galeria atrahente e fascinadora do fecundo e prodigioso papá Dumas, o *Orlando furioso* do Ariosto, a trilojia titanica de Dante, e o deslumbrante colossal e monstruoso teatro de Shakspeare.

Do receio ás troças resultou para João Penha o ficar com algumas ideias precisas a respeito do pensamento humano, do seu progresso e da sua influencia, e o ser addiado em alguns preparatorios pelo sr. D. Victorino, conselheiro-cidadão, (como respeitosa e comicamente chamava ha dias um periodico republicano de Coimbra ao respeitavel e anafado ex-cru-zio) e por quejandos varões de conspícuo valor scientifico e literario.

Todas as cousas boas tem um fim; João Penha deixou de ter medo ás troças, e pouco e pouco foi adquirindo celebridade pela viveza das replicas, pelo feio caustico dos dictos, e mais que tudo pela extravagancia do seu viver, e pela fortaleza diamantina do seu estomago.

Naquelle tempo os estudantes levavam em Coimbra uma vida tempestuosa e dissipada; Coimbra era a amplificação hilarante do celebre quadro de Velasquez *Os borrachos*: a aventura entrelaçava-se á comezaina, o amor á orgia; havia exhuberancia de força e de mocidade e era preciso empregar-a fosse em que fosse. Este marin hava nos elevadissimos arcos do Jardim, chegava a um altar onde a devoção collocára um miserimo S. Sebastião, arrancava as sêtas do corpo ensanguentado do Martir e escrevia por baixo da imagem: basta de sofrimento! Outro descia á cidade baixa, sósinho, desarmava a ronda dos solemnes verdiaes, e desancava com a limpeza de um possante varredor de feira minhota a multidão dos futricas, que fugiam espavoridos e em alto berreiro.

Havia revoltas contra os lentes, tramavam-se conspirações nas lojas maçonicas, escreviam-se panfletos, odes, ditirambos, poemas: nos cenaculos discutia-se, com vozes violentas, na escuridão dos quartos, a respeito de Hegel, Spinosa e Kant; bebia-se como Marco Antonio, comia-se como Vitellio; e quem passasse, á noute, na rua onde morava Anthero de Quental, era quasi sempre interpellado pelo poeta das *Odes*



JOÃO PENHA

(De uma photographia do sr. Henrique Nunes)

modernas, o qual, a cavallo no peitoral da janella, as pernas bambaleantes, o gesto largo e profetico, os seus revoltos cabelos de escandinavo palpitando á viração nocturna, perguntava estas e outras cousas cabalísticas:

— Sabes quem era Manú? Tens alguma ideia do Immanente? Deus será de facto o immenso mar da substancia?

Os transeuntes ouviam aquellas vozes, e, pasmados, faziam o signal da cruz!

João Penha pela sua graça, pela expontanea vivacidade do seu espirito, apesar de caloiro, entrou a ser admitido nos conciliabulos dos academicos, e, ahi, os veteranos toleravam-lhe as mordentes facecias, como o sultão tolera os insultos e as ironias dos derviches.

Os graves doutores na arte *dicendi et coenandi*, vendo que esse caloiro era de fêveras, permitiram-lhe que passeasse por onde quizesse, que jogasse o bilhar onde lhe aprouvesse, que bebesse onde muito bem lhe quadrasse.

Houve palavras de azedume:

— É uma liberdade que nunca se viu!

— Acabaram-se as prerogativas!

— Um caloiro!

E então os admiradores de João Penha, os admiradores do seu talento, os seus companheiros nas ceias, que principiavam muitas vezes na rua da Sofia, e iam acabar em Santo Antonio do Penedo, quer dizer — dali a uma legua, gritavam com autoridade sentenciosa:

— É necessario que a mocidade se divirta!

E os cabeçudos calavam-se!

Passados os tempos dificeis, João Penha matriculou-se em teologia, como o seu glorioso homonimo João de Deus, passando depois para a faculdade de direito onde afinal se formou.

Liberto emfim de todo o receio pôde, á vontade, percorrer o sujo labirinto das encruzilhadas da cidade baixa de Coimbra. Ninguem sabia, como elle, onde havia o melhor vinho da Bairrada, onde se frigia peixe com mais pericia, e onde

melhor se esbarrondava — uma expressão delle — meia duzia de ovos. Entre os freguezes de João Penha havia predilectos: o *Homem do Gaço*, o *Varão do Luxemburgo*, o *Conselheiro Rodrigo* e a *Camêlla*, a famigerada *Camêlla*. Os tres primeiros eram na cidade baixa, a ultima na alta.

O *Luxemburgo* era uma taberna vêsga, cercada de arvores, e cortada, ao norte, por uma valla onde corriam aguas turvas. Para se penetrar no *Luxemburgo* atravessava-se uma ponte de pedra estreita e escorregadía. Era perigosa aquella entrada.

— O perigo robustece o animo, dizia Barreto, compaheiro assiduo de João Penha, e hoje medico de grandes creditos em Setubal.

Ora uma vez, na volta do *Luxemburgo*, Campos de Carvalho, sectario ardente de Prudhon, inimigo irreconciliavel de reis e de monarchas e autôr de um panfleto intitulado — *O Senhor D. Pedro II* — escorregou nas pedras da ponte e cahiu nas aguas da valla.

Houve um grande sobresalto nos individuos que tal presenciaram: João Penha tirou do canto do olho o monóculo — caso grave —, limpou-o cuidadosamente e, ficando de novo o vidro:

— Quem foi que desceu á valla? perguntou.

— Fui eu que escorreguei, respondeu o assarapantado Carvalho, que subira não sei por que arte pela ribanceira ingreme e resvaladiça. Por esta é que eu não esperava. Eu que atravessei o Atlantico, que tenho percorrido todos os mares, estive a pique de me afogar nesta poça de lódo...

João Penha ouviu este dizer lamentoso, abanou a cabeça meditativamente e, tomando uma resolução violenta, dirigiu-se de novo para a taberna. O taberneiro estava á porta.

— Viu o que succedeu? indagou João Penha.

— Vi, sim senhor.

— Pois, meu amigo, entre nós... o vinho acabou.

E nunca mais se ouviram acaloradas discussões sob as olaias em flôr do *Luxemburgo*, a freguezia fugiu daquelle lugar como de um sitio nefasto, e João Penha quando por ali passava, repetia sempre pondo os dedos em cruz:

— Eu te enconjuro, mafarrico!

O *Homem do Gaço* ficou sendo o centro, o ponto de reunião de todos os moços, que mais se distinguiram pelo talento, pela illustração e pela *verve*. Na sala do *Homem do Gaço* appareciam, entre outros, Bernardino Machado, Marçal Pacheco, J. Frederico Laranjo, Julio de Vilhena, Augusto Rocha, Teixeira de Queiroz (Bento Moreno), Guerra Junqueiro, o poeta do *D. João*, Simões Dias, o provençal das *Peninsulares*, Candido de Figueiredo, o pintor dos *Quadros Cambiantes*, Luiz d'Andrade, o insigne caricaturista, Eduardo Cabrita, ingenuo como uma criança, borracho como Sileno, poeta, e tão artista, escondido e esquecido hoje numa aldeia do Alemtejo, Alves de Moraes, o feroz transmontano que escreveu um livro socialista *Morte á morte*, Barreto possuidor de um nariz apopletico que discretava sobre tudo e *muchas cosas mas*, sobre musica, sobre patologia, sobre armação de navios, sobre astronomia, sempre com a mesma voz velada, sumida e discreta, o sagacissimo Sergio de Castro, Alberto Braga, um conversador impagavel, o brasileiro Francisco Machado e o pai Carvalho, antigo governador civil do Funchal, que indo visitar um neto a Coimbra e tencionando demorar-se sómente dois dias, ao ser apresentado ao *Sinedrio* tal gosto e tanta pilheria lhe achou, que ergueu a tenda em Coimbra e por lá andou a rir, a rir, até que morreu...

Forasteiro que chegasse a Coimbra e trouxesse recommendação para qualquer dos individuos atraz mencionados, era, na noite do mesmo dia, apresentado no *sinedrio*.

Que de gente que vimos ali! Diplomatas, conegos, jornalistas celebres, veneraveis banqueiros, negociantes sisudos, titulares, cantores estrangeiros, o celebre Hermann, o valente Hercule Napoli, o marido da Volpini, o deacho!

Uma noite foi ali apresentado um padre da Beira, que descêra das suas nevosas montanhas, para ir prégear a lei de Christo aos selvagens dos sertões de Africa.

— Quantos sermões leva o senhor? perguntou-lhe João Penha depois de travadas as primeiras palavras de apresentação.

— Sermões! Não levo nenhum.

— Pois faz mal. É preciso que os leve, e cousa que se veja. Eu sou de Braga, e não sou profano na sagrada teologia. Appareça mais vezes, e conversaremos a tal respeito.

O padre veio uma, duas e tres vezes: gostava daquellas discussões, saboreava-as, foi adiando o dia da partida; despedia-se hoje e voltava ámanha, atrahido e fascinado, como um anacoreta que de repente se visse numa orgia asiatica.

Passados dous mezes partiu efectivamente, levando duas duzias de sermões, dictados por João Penha.

— E digam depois, repetia vaidosamente o poeta, que eu não cooperei para a civilização!

Era na sala do *Homem do Gaço* que se discutiam os mais arduos problemas, que se fazia a critica dos livros apparecidos e dos artigos jornalisticos, e que se inventavam as mais paradoxais e extraordinarias theorias a respeito da Arte, da Sciencia, e dos Costumes. Havia ali estudantes de todas as faculdades, juristas, matematicos, filosofos, teologos e medicos, quasi todos premiados. Cada qual varria a sua testada, conforme podia, e conforme sabia.

João Penha, envolto num comprido e amplo casaco *couleur de muraille*, com um bonnet hungaro na cabeça e as mãos atraz das costas, cortava diagonalmente a sala com os seus passos solemnes e graves. De vez em quando parava para ouvir mais atentamente a discussão, e dava a sua sentença. Preferia a todas as discussões as que versassem sobre teologia e sobre medicina, e tinha a vaidosa pretensão de dizer sempre a ultima e decisiva palavra a tal respeito. Para João Penha havia um unico remedio na terra, um unico, o vinho.

— O vinho consola, o vinho cura, o vinho dá vida e vigor, o vinho é a grande alma, dizia elle.

Não o aconselhava sómente aos homens, dava-o aos cães, aos gatos e ás aves doentes e chegou um dia a empregar esse extranho medicamento num manjerição. Este caso foi muito falado: na janella do quarto de João Penha, da qual elle podia dizer como Martial — *rus est mihi in fenestra* — havia entre outros vasos de flôres, de begonias e de tulipas, um humilde vaso de manjerição. Humilhado de se vêr em tão lustrosa companhia, o manjerição começou a desmaiar, e a perder a côr. João Penha, que o estimava, emborcou-lhe na rama dous decilitros de vinho. Ao outro dia o manjerição apparece esplendido, cheio de viço e a regorgitar de seiva. O poeta bate as palmas, surri, triunfa. E nesse dia e nos seguintes não se falava em outra cousa em toda a academia: vinha gente aos magotes examinar a maravilha; a Medicina representada por Bento Moreno, a Poesia por Guerra Junqueiro, a Universidade pelo dr. Luiz Jardim, subiram ao quarto de João Penha, e desandava tudo pela escada abaixo com as mãos na cabeça:

— É singular, é extraordinario, é espantoso!

— Estava fraco, afirmava João Penha, anemico, precisava de vida que só reside no vinho.

E pela manhan, e ao cahir da tarde, vinho que te valha! O excesso porém da droga começou a apodrecer o pé da planta: as folhas entraram a amarellecer, e os ramusculos a engoiarem-se e a pender.

O poeta, contemplativo, e como que possuído da sensação íntima de um grande facto misterioso, murmurava para o manjerição:

— Olha o borracho! Como elle se pôz! como quem diz: se não fosse o vicio ainda a estas horas estarias com vida, ladrão! *

O *Homem do Gaço*, um latagão como umas casas, adorava João Penha; tinha sido patuleia, orára em clubs turbulentos, e gostava de recordar essas epochas gloriosas de lucta. Ouvia de longe, da sombra do corredor, as momentosas discussões que se travavam na sala. Quando pediam vinho, e havia contenda litteraria ou religiosa, entrava silencioso, grave, cheio de respeito, fazendo pequenos gestos amigaveis aos que ainda não tinha visto naquella noute; não queria perturbar a discussão, dizia.

Havia uma noute, sobre todas solemne, no anno, em que elle deixava a sua habitual e respeitosa concentração, era na noute do *acto* de João Penha. Nessa noute associava-se á conversa, illuminava-a com os episodios da sua corajosa mocidade, e honrava a festa com seis garrafas de um vinho poderoso e antigo.

Foi numa destas noutes que se travou o famoso duello do João Penha com Guerra Junqueiro. O caso foi assim: o futuro poeta da *Morte de D. João* chegára de Lisboa havia dias, e narrava os episodios da jornada... Contava chistosamente as aventuras da sua peregrinação a Val de Lobos, a sua entrevista com o veneravel solitario, e descrevia com grande abundancia de termos picaros as manchas da alimaria que o levou á presença do eminente historiador; depois falou dos literatos de Lisboa, de um celebre passeio a Cintra.

Reparou-se então que João Penha, curvado, com o rosto unido á parede, escrevia na cal...

Ergueram-se todos, e aproximando-se do poeta lêram as duas seguintes quadras:

Iam caminho de Cintra,
Montados num só jumento,
Um vate e um dandy pelintra, (1)
Soltando canções ao vento.

Pára o burro; é como chumbo;
Diz-lhe o bardo: «ó gambias pôdres!»
Responde o triste: «succumbo
Sob o pezo de taes ôdres.»

Guerra Junqueiro mordeu o beicho, mas não respondeu: vai o João e rompe com outro bote:

Junqueiro, que vens de junco.
Tu que és passaro bisnau,
Não abres o bico adunco?
Pois não me sentiste o páu?

— Espera, que eu te ensino, bandido! murmura Junqueiro, e replica:

O Penha borracho
Corria cantando
No dórso de um macho;
Mas eis senão quando
A besta o estira
Na lama da praça,
Quebrou-se-lhe a taça,
Quebrou-se-lhe a lyra,
Quebrou-se-lhe tudo.
E o pobre Oliveira (2)
Só não diz asneira
Quando fica mudo.

(1) Uma injustiça feita ao sr. João de Sousa Araujo, hoje redactor do *Diario Illustrado*, que sempre primou pela severa elegancia do seu vestuario.
(2) O nome todo do poeta é João Penha de Oliveira Fortuna.

João Penha estava em guarda, aprou o golpe, e respondeu:

Afinaste a veia chata,
Bebeste o copo de um borco,
E a cidade estupefacta
Ouviu o granhir de um porco.

Inda João Penha não acabára esta ultimo verso e já Junqueiro começava a escrever, furioso, por debaixo da quadra do adversario:

Porco és tu, meu animal,
Porque as vermelhas canções
Que sacas do teu bestunto,
São vermelhos salpicões
Não são versos, são presunto.

A galeria aplaudiu; ouvindo estes applausos, João Penha rugiu ameaçadoramente:

«— Ah! não estás satisfeito?» e voltou á parede:

Acertou-te a pedra, e de arte
Que te fiz na testa um gallo,
E forcejas por vingar-te
Como se vingas um cavallo.

Uma risada colossal fez estremecer a sala. Junqueiro empalidece e com a sua larga letra convulsionada escreveu:

Dou-te um conselho, Oliveira,
Como estás com muita pressa,
Vai coser a borrhacheira
Meu menestrel de tripeça!

O *Homem do Gaço* com uma ousadia nunca vista, estava na sala, esfregando as mãos radiante, no meio dos espectadores daquelle terrível duello. João Penha rangia os dentes:

— Menestrel de tripeça! Eu! Ó D. Bigorriilha! e voltando-se para o *Homem do Gaço*: escreve! disse, e dictou:

Tinha ha muito um realejo,
Só me faltava um macaco,
Hoje tenho o que desejo
Heide mostrar-te a pataco...

Na outra noute o duello começou de novo, e com mais furioso impeto; mas o *Homem do Gaço*, passados dias, mandou cair rigorosamente as paredes para que não viessem extranhos, como ordinariamente vinham, de dia, lêr os versos, e profanal-os com o seu riso alvar. Foi a explicação dada pelo bondoso gigante.

E daquelle modo perderam-se para sempre os engraçados epigrammas, as satiras e as magnificas e risonhas caricaturas feitas pelo Luiz de Andrade, e por José Cachapuz,—um moço vivaz e de talento, que morava á beira do Mondego, num castello desmantellado e em ruinas, ao pé do qual o *castello da miseria* descrito por Gauthier era um maravilhoso Alhambra.— Todos esses versos alegres e moços desapareceram, sumiram-se de todo; alguns porém sobreviveram como o himno que vamos transcreever, e cuja historia é engraçada. Certos academicos constituiram-se em republica, e quizeram um himno. Dirigiram-se a Guerra Junqueiro, que, andando abarbadado não sei com que trabalhos, propôz o negocio a João Penha, ao entrar da aula.

— Pronto, disse João Penha, mas pelo preço que sabes.

— Qual preço?! disse Junqueiro, fazendo-se de novas.

— Seis vintens cada quadra. É o preço que te levei pelo himno da filharmonica de Villa Real de Santo Antonio, do Algarve.

— Vá, vá! Mas a pagar no principio do mez; a somma é importante...

— Nada: hade ser paga e já. *Rubis sur l'ongle!*
 — Homem, levo-te o dinheiro á tarde...
 — Hade ser quando eu te entregar os versos; mão por
 mão como os rapazes. Bem sabes que não confio em ti.
 Junqueiro lançou uma derrama pelo curso e á sahida da
 aula pagou o himno. Eil-o:

Ó vós que do canto sois velhos freguezes,
 Ouvi destas liras o melico emprego!
 Nós sómos as gemas, os bifes inglezes,
 Os pais das filhas do claro Mondego.

Surri-nos a vida nos cálices cheios
 Dos roixos falernos das parras da Beira;
 Surri-nos a Cêres dos tumidos seios;
 Surri-nos dos bosques a Venus lijieira.

Nos méstos papirios da sciencia moderna
 A droga se encontra que ao somno convida;
 Queimemol-os todos que só na taberna
 Os livros se encontram da sciencia da vida.

Ao vento os cabellos! por montes e valles
 Corramos no passo das gregas chorêas!
 Bachantes das praças rufai nos timbales!
 Abri-nos as portas, gentis Galathêas!

Este himno foi posto em musica e era vozeado tres vezes
 por dia, ora ás janellas do predio em que vivia a republica,
 ora no meio da rua, ora no alto da montanha do Pio.

Alguem para o perpetuar, escreveu-o na parede da sala
 do *Homem do Gaç*, e da parede passou para a carteira de um
 curioso.

João Penha dominava este colosso do *Homem do Gaç*,
 como um *cornac* domina um elefante. Fêl-o passar, gradual-
 mente, de patuleia ingenuo e inconsciente a republicano, de
 republicano a socialista, de socialista a petroleiro, de petro-
 leiro a atheu.

O *Homem do Gaç* ouvia destas e de outras:

Falava-se na recente obra de V. Hugo a *Lenda dos Se-
 culos*. Uns diziam bem, outros mal, da ultima *maneira* do ra-
 dioso Miguel Angelo da literatura moderna. Aos que invecti-
 vavam Hugo, perguntava o João:

— Tens visto um cão passar junto do monumento de um
 grande homem? Tens reparado no que elle faz? O mesmo
 que tu fazes, sevandija! alça a perna e humedece o pedestal.
 Eu ainda hoje, ao lêr a *Lenda dos Seculos*, ri, chorei, dei uivos,
 dei pinchos de orgulho, de alegria e de jubilo. Digo-vos mais;
 se hoje morresse—o *Homem do Gaç* adiantava-se para ouvir
 melhor — e chegasse aos pés do Padre Eterno, havia elle de
 perguntar-me o que havia de novo pela terra.

— A *Lenda dos Seculos* responderia eu.

— E que tal? diria o Padre Eterno.

— Unico!

— Quem é o autôr?

— Victor Hugo!

— Pois olha, explicaria desvanecido o Juiz Supremo, esse
 rapaz é meu filho.

— E ainda ha, tornaria eu, quem diga que os filhos não
 são mais intelligentes que os paes!

O *Homem do Gaç* retirava para a sombra, meditando.

Ah, quando este bom gigante do *Homem do Gaç* viu
 numa triste hora o destino separar todos estes rapazes, tão
 cheios de entusiasmo, de alegria e de jovialidade, quando os
 viu partir para a magistratura, para o magisterio, para a po-
 litica, para a vida da familia, deixou-se vencer de uma grande
 melancolia, e passado um anno depois da dispersão do cena-
 culo, cahiu na cama, e rebentou... de saudades...

Dous dias depois escrevia-nos João Penha, de Braga, e
 enviava-nos o seguinte

EPITAPHIO

Eil-o aqui jaz, aqui jaz
 Nesta humilde campa fria
 O nosso velho rapaz!
 Deus em sua gloria o tenha!
 Era elle quem accendia
 Inspirações em Joao Penha!
 Deus em sua gloria o tenha!
 Nesta humilde campa fria
 Eil-o aqui jaz, aqui jaz!

O restaurante do *Conselheiro Rodrigo* era no caes das
 Ameias, num barracão espaçoso e ameaçando ruina. Frequent-
 tavam-no com grande assiduidade Theophilo Braga, Vascon-
 cellos Abreu, um investigador erudito, Augusto Sarmiento,
 autôr dos *Contos ao Soalheiro*, Adelino das Neves, o collec-
 cionador das *Canções populares*, varios lentes e professores,
 o dr. Ignacio — um operador distinctissimo, etc., etc.

Conselheiro lhe chamavamos nós porque nunca se viu
 face mais austera, autoritaria e sisuda em taberneiro. Nunca
 desmanchava a sua gravidade: ria poucas vezes: dizia sómente
 as palavras precisas, menos a João Penha, com quem desaba-
 fava a respeito da pouca vergonha que ia por esse mundo, e
 de quem apreciava os chistes e os versos, a ponto de ter á
 cabeceira da cama, numa rica moldura, o soneto que o poeta
 lhe ofrrecera no seu anniversario.

Tinha frequentado o primeiro anno de teologia, fôra
 negociante, fallira honradamente, e para sustentar a numerosa
 familia, começou a dar de ceiar aos estudantes.

Eram baratissimas essas ceias, e de um sabor delicioso
 sobretudo no tempo da lampreia.

O *Conselheiro* tinha a veia, a especialidade, o que se
 chama dedo, para o preparo dessa iguaria. Ninguem a fazia
 melhor em Coimbra, nem no *Carillo*, nem no *Castella*, nem
 no *Paço do Conde*, e mais era o *Paço do Conde* a primaz,
 em antiguidade, das hospedarias conimbricenses.

Depois das onze da noute entravam na tasca do *Conse-
 lheiro* vultos embuçados, misteriosos, com passo subtil e leve.

Uma noute vimos ali entrar um homem como uma torre,
 um pedaço de um homem... João Penha e nós fômos-lhe na
 piugada.

— Quem novo freguez é este? perguntou o poeta ao *Con-
 selheiro*. Em Coimbra só conheço dous homens dessa gran-
 deza—o dr. Mamede e o Bispo-Conde. Qual delles é? Guardo
 segredo.

— Dou-lhe a minha palavra que não é o doutor...

— Logo, atalhou João Penha...

— Inda que advinhe, não digo quem é, tornou o Rodrigo
 com uma dignidade antiga.

E João Penha voltando-se para nós:

— Mau! a Igreja tambem concorre.

Foi ali que se deu o seguinte caso.

Numa bella vespera de feriado dirijiamo-nos nós e João
 Penha para o barracão do *Conselheiro*. O caes deserto, o
 Mondego de uma formosura incomparavel, o luar de indoucer.
 Iamos a penetrar... quando damos de frente com um
 embuçado...

Era Marçal Pacheco.

— Que inveja que eu vos tenho! murmurou melancolica-
 mente o triste.

— Porque não vens connosco? dissemos.

— Impossivel: devo duas ceias ao *Conselheiro*, e estamos
 no fim do mez...

— É horroroso... mas inda agora reparo, notou João

Penha, com essa bella barba negra, que deixaste crescer, és um andaluz completo, e depois essa capa, e esse chapéu desabado... sabes tu por acaso falar hispanhol?

— Essa pergunta a um filho de Loulé!

— Nesse caso, anda! Apresentar-te-hemos como um hispanhol, que nos veiu recommendado por D. Benigno Martinez, e que deseja estudar costumes...

Entramos os tres: Marçal, com o chapéu sobre os olhos, e embuçado até aos narizes, para tornar mais característico o seu papel, expectorava, de quando em quando, pelo corredor, com gestos fandangueiros:

— *Uaya de broma! Y adelante! Uaya de broma!*

O *Conselheiro* entrou no cubiculo, onde ninguem penetrava senão depois da sahida de João Penha, e curvado, com os dedos fincados na toalha:

— O que desejam?

João Penha, que estava ainda de pé, aproximou-se do *Conselheiro*:

— É um hispanhol, disse baixo, apontando para Marçal. Queremos regalal-o, recommendo apuro.

Rodrigo olhou para o estrangeiro e complimentou-o com grande respeito.

— E o que temos hoje? perguntou em voz alta João Penha.

— Ovos mechidos com miolos, coelho guisado, e lampreia, respondeu o *Conselheiro*.

João Penha voltou-se para o cavalheiro hispanhol:

— *Tenemos para cenar sesos con uevos revueltos, conejo guisado, y un pescáu que nosotros llamamos lamprêa, que le gusta usted mas?* perguntou João Penha ao cavalheiro hispanhol, com todo o castelhano que sabia.

— *Para mi tengo una decidida preferencia para... lo todo!* respondeu, laconicamente e com a mais correcta pronuncia castelhana, o cavalheiro das Hispanhas sempre embuçado, e com o chapéu cada vez mais cahido sobre os olhos...

O *Conselheiro* trazia os pratos, e sahia logo, voltando sómente quando era chamado; foi o que valeu a Marçal, que nesses intervallos se desembuçava para comer, como um bocudito esfaimado.

Acabada a ceia, e quando iamos já perto da porta:

— Ó sr. João Penha, dá-me uma palavrinha? disse afavelmente o *Conselheiro* Rodrigo.

Marçal que estava perto da porta galgou de um salto as escadas, e engolfou-se no bécó...

Aproximamos-nos.

— Digam-me uma cousa, perguntou o *Conselheiro*, com uma gravidade de um comico impagavel, aquelle cavalheiro hispanhol não é... o sr. Marçal Pacheco?

Com mil bombas! Não respondemos nem uma nem duas; o caso foi tal, que fômos pelo corredor fóra, de gatas, a rir, sufocados...

O *Conselheiro* um dia fechou a porta; nesse dia a cidade baixa chorou um grande chôro, como o da Bíblia. O *Conselheiro* abriu depois um estanco, mas os freguezes, que acudiam á lampreia, não vieram ao charuto, ou porque a loja estivesse num sitio fóra de mão, ou porque os charutos fossem maus; maus ou bons, *Rodrigo*, como não viessem freguezes, foi fumando, fumando nelles, deu com a loja em vasa-barris, e quebrou pela segunda vez. Que triste fado o deste *Conselheiro*!

Resta falar da Camella. Ó Musa, inspira-me! A taberna da tia Maria Camella era na cidade alta, e existia na rua, que se rasga ante a porta ferrea do edificio da Universidade.

Dentro daquella locanda não cabiam á vontade doze pessoas, e comtudo era tão frequentada, tão apetedida, tanta nomeada adquirir as saborosas postas de savel frito pela tia

Maria, e as bellas enguias, que ali se preparavam, que em certas noutes parece que havia incendio em alguma daquellas casas, tal era a multidão amotinada das serventes e dos estudantes, que *faziam bicha* á porta, á espera que lhes chegasse a vez.

A tia Maria era de uma inteireza e de uma justiça assombrosa: o que primeiro chegava era o que primeiro era servido; tanto montava que fosse *calouro*, como *veterano*, como assiduo frequentador da casa. Apesar de bondosa, não gostava de ouvir palavras soltas e deshonestas; ofendida, era uma vibora, quando a tractavam discretamente, tornava-se uma pomba: era de poucas palavras—o seu bom e honesto sorriso de sexagenaria tinha, porém, uma eloquencia encantadora e uma adoravel expressão de resignada doçura; deveria ter sido linda e de uma esplendida correcção de fórmãs, mas fóra sempre de um comportamento exemplarissimo, o que admira, sendo ella contemporanea das mais amuradas e galhardas gerações de academicos, que bandarream em Coimbra.

Não era tão sómente a delicadeza e o bem alourado dos fritos que tornou lendaria a taberna da tia Camella, o preço das ceias ali comidas entrava por muita maneira naquella nomeada.

Eça de Queiroz, no ultimo anno da sua formatura, ceiou ali todas as noutes com João Penha, e o preço daquella orgia nunca passou de um tostão. João Penha, contando isto, acrescentava, como quem diz uma cousa problematica e profunda:

— E o tostão do Eça era sempre em prata! Nunca pude saber donde vinha aquella moeda misteriosa e fatal!

A lista dos frequentadores desta taberna illustre é extensa e gloriosa; ali ceiaram, na quadra descuidosa e risonha da mocidade, Ayres de Gouveia, Barjona, Martens Ferrão, Paiva Manso, homens que são hoje lentes, desembargadores, ministros e bispos; naquelle recinto da tasca artistica estalaram as valentes risadas das tres ultimas gerações de poetas, tribunos e filosofos de Coimbra—de Gonçalves Dias, de Soares de Passos, de Thomaz Ribeiro, de Ramiro Coutinho (hoje visconde de Ouguela), de Anthero de Qental, de Anselmo de Andrade, de João de Deus, de Luiz Jardim, de Mesnier, de Manuel da Assumpção, de Theophilo Braga, de Emygdio Garcia, de Germano de Meirelles, de Guimarães Fonseca, de Rodrigo Velloso e de José Falcão. Como o teatro academico fica proximo, toda a celebridade artistica que ia representar a Coimbra, visitava a tia Camella.

Entraram ali Antonio Pedro, Taborda, Cesar de Lima, Noronha, o Paganini vimaranense, Rosa Senior, e o tragico Rossi, que uma vez, alta noute, na duvidosa penumbra da tasca, recitou o lugubre monologo do Hamlet.

Sublime!

A tia Camella ouvia, surpresa e espavorida, todas aquellas palavras soturnas e hallucinadas, e, não ousando fitar o eminente artista, conservava os olhos baixos, no chão, como uma escrava diante de um Kalifa.

João Penha frequentou, durante quasi tres lustros, sem faltar uma só noute, a taberna da tia Camella: desta assiduidade inalteravel nasceu uma profunda simpathia da bondosa velha pelo poeta. Nos dias em que não havia peixe, uma tristeza immensa envolvia as almas de todos os habitantes da cidade alta, o lucto era geral: e quando João Penha, impassivel, com a regularidade de um chronometro se dirigia para a cidade alta, de varias janellas se debruçavam vultos desesperados e affictos, que exclamavam:

— Não ha peixe, João, a tia Camella não tem peixe. *Lugete, Veneres, Cupidinesque!*

O poeta, acompanhado por aquelles que não duvidavam da sua estrella, caminhava sempre e ao entrar na tasca a *troupe*:

— Então, tia Maria, que peixe temos? indagava.

— Peixe? respondia ella, com a sua voz cantada, em que transparecia uma ingenua malignidade, peixe hoje? Não o houve na praça, nem para o sr. Bispo Conde, nem para os missionarios das Theresinhas.

Dizendo isto, sahia para fóra do balcão, examinava curiosamente a rua e os transeuntes, corria depois intrepidamente os ferrolhos á porta, e abrindo misteriosamente uma gaveta, tirava de dentro um prato... com duas magnificas enguias.

É escusado dizer que as duas enguias eram fraternalmente repartidas e devoradas sofredamente, com um apetite heroico. Depois da comesaina — a conversa.

Que longos e patuoscos os colloquios entre a tia Maria e João Penha! O assumpto dessas conversas era ordinariamente um só: qual seria o côro das virgens, em que a tia Maria seria incorporada, quando morresse.

— Do que tenho pena, dizia ella com lagrymas na voz arrastada e trémula, é de não poder ir para o côro de Santa Ursula, que é o primeiro em grandeza.

— Porque?

— Porque para esse côro só vão as virgens, que morrem meninas.

— É exacto. Mas socegue, tia Maria: eu que sou lido nos sagrados canones, posso afirmar-lhe que lhe hade ser dado lugar num côro distincto, porque depois d'elle ha ainda dous.

— Sim?

— É o que lhe digo: ha o côro das virgens... do acaso, e o côro das virgens... por força maior das circumstancias.

E rematando com este ou equivalente dito o divertido colloquio, sahia João Penha da tasca e dirigia-se para a Cou-raça de Lisboa, por onde áquellas horas desciam alegres e festivos bandos de artistas, cantando, ao som da viola de arame, as petulantes e a um tempo gembundas trovas do *Choradinho*, e do *Fado de Buarcos*.

João Penha entrava em casa, na Couraça de Lisboa, levantava a vidraça das janellas do seu quarto, e antes de se deitar, espreitava a vista por todo aquelle panorama do Mondego, tão poetico, tão dôce, tão pitoresco! As rans coaxavam nas insuas do rio, onde se espelhava o luar, os latidos dos cães das quintas marginaes repercutiam-se, de quebrada em quebrada, somnolentemente, somnolentemente... os rouxinoes cantavam, e os gemidos das violas esmoreciam ao longe pouco e pouco... perdendo-se no dédalo das estreitas ruas da cidade baixa...

João Penha, depois de contemplar por algum tempo aquelle formosissimo quadro indiscriptivel, deitava-se, e dahi a tres horas, com a regularidade infalivel que punha em todos os actos da sua vida, estava á mesa do estudo, trabalhando como um benedictino e resgatando por aquella forma as horas, que déra prodigamente á indisciplina bohemica do seu viver nocturno.

III

João Penha foi o que os jovens engoiados de hoje não são nem podem sê-lo, foi moço, riu com o bom riso vermelho que tão bem assenta nos labios da juventude, teve um estomago gargantuano, teve saude, teve jovialidade, teve lenda, foi o ultimo estudante de Coimbra.

Realisou o *sonho*, a *visão*, o *azul*, em plena vida burgueza e constitucional, não dando ao mundo a importancia de se aborrecer nelle, como lhe dizia Eça de Queiroz.

Á lendaria, turbulenta e entusiastica geração de Anthero de Quental, de Azevedo Castello Branco, e de José Falcão, succedêra uma geração doentia, de gengivas molles e desbota-

das, timida, curvando a espinha na passagem do seu lente, engulindo a *sebenta* até ás *fezes*...

No meio destes estudantes, envelhecidos, tristes, macambuzios e sôrnas, estourando de subtilezas escolasticas, sabendo maravilhosamente as ribaldarias do sofisma, o bello rigor contundente do sillogismo, e não ignorando como se conclue um argumento *in modo et figura*, saturados, até á medula, de metafisica nebulosa e incomprehensivel, o vulto de João Penha destaca e sobresae gloriosamente, como uma flôr orvalhada e viçosa numas ruinas, como a fanfarra matinal de uma sonora trompa de caça na gruta de um anacorêta.

Mas João Penha não levou a vida simplesmente a rir, a folgar, a pantagruelisar, e a celebrar

*la louange
De son ami le bon Bachus,*

na humidade claustral das tabernas ou sob a ramaria fresca e copada dos salgueiraeas do Mondego.

Atravez das suas aventuras o trabalho surri.

Humanista, podendo ouvir de si o que Chapellani dizia de Molière: «este rapaz sabe latim!», conhecedor da lingua, tendo um gosto educado e finissimo, o gosto que modera e harmonisa, uma leitura abundante e variada, uma intelligencia culta, progressiva e reflectida, João Penha concorreu, e não pouco, para a direcção do moderno movimento poetico.

O grito revolucionario, solto pelos celebres dissidentes de Coimbra, produzira grande abalo, os animos estavam desprevenidos, a sensação fóra violenta de mais, e dahi resultou que os discipulos e os proselitos faltaram.

A revolução dos coimbrões fóra platónica, filosofica; a extranheza dos assumptos das poesias de Anthero de Quental e de Theophilo, quasi sempre metafisicos, transcendentaeas e nebulosos para a maioria dos leitores, apavorou os timidos, agastou os antigos, desanimou os principiantes. A poesia cahira num desanimo e numa hesitação extraordinaria, simptomias tristissimas que se dissiparam com o aparecimento da *Folha*, periodico dirigido por João Penha.

A *Folha* foi um acontecimento: acreditava muita gente que a poesia morrera, que já não havia mocidade, que o riso acabára, e vai, senão quando, de subito, inesperadamente, aparece no horizonte literario um poeta, cujo nome era ignorado nas regiões officiaes, realisando todos predicados para attrahir as vistas e grangear aplausos; não era futil, não era banal, tinha *verve*, inspiração, uma larga veia humoristica, original e exptaneaa: sabia manejar o verso, como um mestre, dando-lhe relevo, graça, harmonia e musica, e conhecia na ponta dos dedos os processos, as formulas, o difficil contra-ponto dessa arte, que com tanto desamôr fóra tratada pelos poetas revolucionarios.

João Penha, cujo viver vagabundo e divertido tanto se assemelha ao do poeta francez do seculo xvii, Saint-Amand, reuniu á fogosa indisciplina de um *goinfre* as altas e serenas qualidades de um mestre.

Sim, um mestre e um director, que duvida! Havia exuberancia de ideias, de filosofias, de sistemas, mas a fórmula, o gosto e o estilo não estavam definitivamente determinados: ao renovamento das ideias, não correspondera o renovamento da fórmula literaria.

A João Penha, parece-nos, se deve o complemento da obra dos que com tamanha intrepidez deram impulso á nova corrente poetica. Não exageramos: de 1868 — aparecimento da *Folha* — para cá, vejamos se não encontram nos poetas portuguezes um notavel progredir na factura, no lavôr e na perfeição nitida do verso. É incontestavel neste ponto a influencia de João Penha.

Na *Folha* apareceram e se aperfeiçoaram os melhores dos modernos poetas portugueses: — Anthero, Guerra Junqueiro, Simões Dias, C. de Figueiredo, Sousa Viterbo, M. Duarte de Almeida, Manuel Sardenha, Guilherme Braga, Joaquim Fontellas, Eduardo Cabrita, etc., etc.

Guerra Junqueiro, o famoso e pujante matador do frascario D. João, entrando na *Folha* repleto de romantismo, de reticências e de admirações, saíu positivo, sobrio, grammatical, quasi classico; neste poeta, um dos primeiros entre os modernos, assim como em quasi todos os que escreviam na *Folha*, notará o que se der ao incommodo de lêr esse periodico a benefica e salutar influencia do exemplo de João Penha, que sobrelevava a todos pelo imprevisdo das imagens, pela excellencia e pela elegancia do boleio da frase, pela felicidade harmoniosa dos epitetos, pela sonoridade das rimas e pela marmorea plastica do verso.

Antes de tomar a direcção da *Folha*, João Penha escrevera já dous poemas heroe-comicos, o *Tancredo*, em oitava rima, dividido em seis cantos, e, mais tarde, o *Onofre*, tambem em oitava rima, e repartido em quatro cantos; tanto um como outro destes poemas, que são de uma correcção admiravel e camonianiana, faz-nos o effeito de um magnifico e opulento palacio, frio, deserto, abandonado, sem vida, onde não ecôa a voz humana e onde não se repercutem as risadas e o mimoso chalrear das creanças.

Escrevera tambem sobre o Joelho, de improviso, nas costas das bancadas das aulas, pelos albuns, nas venerandas *se-bentas*, epigrammas, *trioletes*, facecias, em que bem claro se distinguia o vestigio da garra do humorista, e que ajudaram a robustecer-lhe a lenda. Assim de um estudante, que tinha um nariz singular pelo afogueado da côr, dizia:

Tamagnini da Encarnação
Tem na ponta do nariz
O colorido feliz
De uma rosa do Japão.

A um condiscipulo chamado Ennes mandava esta quadra:

A letra dos teus assumptos
Bem nos demonstra quem és,
Vale dous *nn* bem juntos,
É letra de quatro pés.

A outro condiscipulo, lindo, rosado e tímido como uma donzella, chamado Larcher, perguntava:

Neste caso desatino
Tu és Lárcher ou Larchér?
Tu és homem ou menino?
Tu és menino ou mulher?

De um padre que não era positivamente um Apollo... na formosura, entenda-se, dizia:

Vêde-o ali tão triste e só,
No seu lugar, posto ali:
É como sobre um cipó,
Um padre mestre saguy!

Alves de Moraes, estudante distincto, e hoje caudico de nomeada em terras transmontanas, escrevera um livro socialista intitulado *Morte á Morte*. João Penha recebe o livro á entrada da aula, lê-o, pasma, e escreve por baixo da dedicatória affectuosa:

O Moraes, um pulso forte
Um guerreiro antigo, um cabo,
Chamou a terreiro a Morte
E deu-lhe um couce no r...

Como um filosofo que contempla e observa a inanidade do destino humano, e a quem o spectaculo da nauseante vaidade universal faz sorrir, João Penha, assentando o seu ideal fixo e luminoso na volupia e no prazer do vinho, enlevado como um Soufi Persa, a quem as bebidas e o amor arrancam ao contacto immundo da terra, para o elevarem ao sentimento da realidade, aconselha bondosamente a um amigo:

Ao demonio da ambição
Não dê entrada no peito,
Não sejas juiz eleito
Inda que o peça a Nação.
Se da guerra a convulsão
A tua espada requer,
Suba ao poder quem quizer,
Faz pé atraz retinente,
Que o prazer está sómente
«No bom vinho e na mulher.»

Não queiras sceptros de reis,
Nem os pantufos do papa;
Deixa os imperios no mappa
Foge de vis europeis.
No mundo os grandes papeis
Só trazem morte ou desgraça,
«Emprega o tempo na caça
Das Venus de facil preza,
E nas delicias da meza
Onde espuma a rubra taça.»

Goze este em ser deputado,
Ou ministro, ou regedor,
Aquelle em ser trovador,
Ou general celebrado...
Mostra-te mais avisado,
Do vinho, do amor só cura:
«A vida só brilha e dura
Como a luz do pirilampo:
Do prazer o estreito campo
Não transponhas com loucura.»

Os melhores, os mais originaes e engraçados destes improvisos, são os que infelizmente não nos é permitido publicar, por causa da crua nudez da frase e da ideia, visto que o seculo XIX não é o seculo XIII, e visto que para certos versos deve haver lugares reservados, onde não seja permitida a entrada de toda a gente, como em determinadas salas dos museus pathologicos.

Não é nestes nem nos versos do genero dos que transcrevemos, como é bem de vêr, que repousa a potente individualidade de João Penha: é nos esplendidos sonetos do *Vinho e Fel*, e em quasi todas as poesias com que elle illuminou e alegrou as paginas da *Folha*, sobretudo nos tres primeiros annos desse periodico.

Façamos justiça: João Penha foi quem revocou á vida o soneto; esse precioso vaso antigo, dentro do qual cahiram as lagrymas dos poetas, que souberam amar e padecer, de Petrarca, de Shakspeare e de Camões, esse molde moído pelos bocagianos, e espontapeiado pelos romanticos, achando no poeta do *Vinho e Fel* um adorador extremoso e entusiasta, foi de novo e definitivamente implantado entre nós, sendo cultivado hoje por todos quantos metrificam em linguagem portugueza.

É nos perfeitos e corrétos sonetos do *Vinho e Fel*, de que daremos amostras adiante, que se revela a nota original e caracteristica do poeta. Foi com estes admiraveis sonetos que elle acordou e excitou a atenção da critica contemporanea, que o recebeu com entusiasmo e jubilo; foi com elles que João Penha logrou alcançar aquillo que todo o poeta e artista ardentemente ambiciona, quer dizer, dar ao gosto literario uma sensação desconhecida e nova.

Taine, o eminente crítico, afirma que um grande escritor é aquelle, que tendo paixões, sabe o dictionario e a grammatica.

Ora João Penha sabia o dictionario e conhecia perfectamente a grammatica, e teve paixões — sofreu, amou e padeceu. — Sob a veste jogralesca e faceta dos seus primorosos sonetos sente-se estremecer um coração, no marmore esplendido daquellas estatuas, que parece que se contorcem numa expressão de alegria brutal e doida, como a *Dança* do Carpeaux, escorrem e se cristalisam lagrymas de sangue...

O estilo perfeito desses versos, as suas rimas opulentas, a sua forma impecavel, são predicados que, quando muito, fariam de João Penha um versificador habil e de uma execução completa, um ourives da palavra, obstinado e paciente, mas nunca o elevariam á plana de um poeta, na alta accepção da palavra.

Não, elle não proscreveu dos versos a eloquencia, a alegria, a paixão, o entusiasmo, e a melancolia; o seu entusiasmo, porém, é sincero, a sua eloquencia, a sua alegria, a sua paixão tem o cunho da verdade, e a sua melancolia é masculina e viril.

O *Vinho e Fel*, poemeto de quarenta magnificos sonetos, é a traducção fiel e dolorosa de um amor leal e profundo, o primeiro e o unico da mocidade do poeta; e ao mesmo tempo a esplendida revelação do mais insigne humorista dos nossos dias.

Os sonetos do *Vinho e Fel* começam quasi sempre numa queixa, num brando murmuro amoroso, numa dôce expressão de vaga tristeza, e quando o leitor vai seguindo a leitura, curioso, quasi enternecido, de subito, bruscamente, ouve estalar uma risada, e escuta uma frase rabelesiana e uma imprecação ironica e sarcastica.

Transcrevemos alguns desses sonetos, por dois motivos: porque nem todos os leitores da *Renascença* conhecem esses versos, e para que não julguem que exajeramos os meritos do poeta. Eil-os:

A dôce paz tranquilla e a segurança,
Em que eu levava a alegre mocidade,
Foram nuvens num ceu de tempestade,
Que dellas ninguem sabe ou tem lembrança.

Pobre de quem na vida se abalança
A amar com fé, e alma, e lealdade!
Em longo veu de triste escuridade
Verá perdida a limpida bonança.

Oh! que nem tenha um coração amigo,
Que me alente no páramo terrestre,
E me acompanhe ao funebre jazigo!

Dá-me esse onágro de vigor silvestre,
E os ôdres pandos, oh Sileno antigo;
Ensina-me na dôr: só tu és mestre!

Nunca do amor a resplendente chamma
Te fulgurou na lúcida pupilla:
No meu romance, placida e tranquilla,
Jámais foste mulher, porque eras dama!

Da vingança pensei no tórvo drama,
E nas ancias vivi de quem vacilla.
Vi-te feita de barro: eras d'argilla,
Fragil estatua em pedestal de lama.

E caminhei nas sombras da saudade
Immerso nesta dôr, que me devora
As rosas da perdida mocidade:

E a caminhar no escuro e sem aurora,
Aos páramos cheguei da soledade...
Triste daquelle que nas trevas chora!

Quando escondido em teu jardim florido,
Te vi sahir das aguas murmurantes,
Postas as maos nas pómas palpitantes,
Solto ao vento o cabelo humedecido;

E, sorrindo-te, o corpo enlouquecido
Reclinaste nas relvas ondeantes,
Dando-me assim aos olhos coruscantes
Uma estatua de marmore polido;

Não tive, como a santa Biblia conta,
As ideias dos lúbricos juizes
Vendo a nua Suzanna, que se afronta.

Desejei-me nos barbaros paizes
Dos cannibaes, e tive a ideia tonta
Do selvagem voraz: não te horrorises!...

Hontem no baile por fatal desgraça
Não foi de vinho que fiquei replecto;
Mas desse immenso, arrebatado affecto,
Que as almas vence, e os corações enlaça.

Feriu-me como o raio, quando passa,
Fere no monte o solitario abeto:
Agora vivo desse amor secreto
Eil-a quebrada, a generosa taça!

Foi-se o tempo das sordidas orgias:
Unido á bella, em marital socego
Vão dentro em pouco deslisar meus dias.

Seja a torrente um placido Mondego;
A minha taça — um copo d'aguas frias,
O meu bello — o presunto de Lamego!

Que seria de mim, nesta anciedade,
Sem a taça que os animos alenta,
Que nos transporta em dias de tormenta
Para longe da triste realidade!

Essa mulher gentil, que sem piedade,
Por mim fingira uma paixão violenta,
Ri-se agora do amor que me atormenta,
Ri-se ha muito da minha ingenuidade.

Podia, modelando-me no Othello,
Ou no Sire feroz, que a trova canta,
Tirar-lhe a vida a golpes de cutelo.

Mas em lugar de sangue e furia tanta,
Derramos nesta alma o licôr bello,
Que do pampano brota e a vida encanta.

Em todos os versos de João Penha, que são como que o poema da sua mocidade, palpitam, estremecem, gritam, ecôam, ullam com uma verdade intensa e profunda, as dôres, os desalentos, as cóleras, as risadas, e a indignação do poeta e do amante. Quando a duvida o empallidece, quando a suspeita lhe morde o coração, quando o ciume o aperta nas rôscas viscosas e serpentinhas, o animal bravo, que dormita em todos nós, acorda, esbraveja, espuma, e as injurias invectivas de Othello, halucinado pelo ciume, acodem-lhe violentamente á bocca, e jorram-lhe em catadupa numa exageração indignada:

Nesta vida fatal, ai de quem pensa
Encontrar na mulher pudor e brio!
Em breve um desengano, acerbo e frio,
Lhe desfará as illusões e a crença.

Mulher! vai teu caminho: na licença
Ceva do corpo ardente o desvario;
Nem repares no meu viver sombrio,
Nem te chores da minha dôr intensa.

Que um dia, quando a sordida impureza,
Que o viço cresta e o rir no labio pouca,
Te consumir a esplendida belleza;

E pedires com voz sumida e rouca
A triste esmola da cruel pobreza,
Então me chorarás, cabeça louca!

Não me provoques mais. Esta brandura
Encobre dum jaguar a furia horrenda:
Vai lêr do Mouro a pavorosa lenda,
O mésto quadro da vingança escura.

Tu és como essas miserias impura
Que o vicio expõe no lupanar á venda!
Nem mais te quero vêr na triste senda,
Que te leva aos abismos da loucura.

Perdi-te. Mas a flôr que no occidente
Viu moribundo o sol, ergue a corolla
Aos orvalhos da aurora resurgente:

Sigo os preceitos da moderna escola:
— Não ha dôr que resista a um vinho ardente,
Nem ao facil amor duma hespanhola.

Hontem de noute, já depois que a lua
No occidente occultára a face mésta,
No teu jardim, por ignorada fresta,
Nos braços te vi doutro, semi-nua!

Eras pois dessas miserias da rua,
Eras mais vil, mulher, mais deshonesta!
E não morri daquella dôr funesta...
Tu mal dizias: «... meu amor, sou tua!»

Ir ter ao lôdo, andando nas estrellas!
Oh minhas pobres illusões venustas,
Que me resta de vós, que é feito dellas?

Mas, para que chorar? gentis, robustas,
São duma estatua, as fórmas que revelas:
Dize: és tu mesma que o negocio ajustas?

A commoção é profunda, a cólera é selvagem e brutal, mas que intensidade de vida, e que expressiva verdade não ha ahí!

Lembram-se? Othello injuriou Desdemona, cuspiu-lhe no rosto as palavras mais cruéis e infamantes, e condemnou-a: a branca filha dos doges morrerá ás mãos do esposo ultrajado e justiceiro: de repente, porém, o Africano entenece-se, pranteia a formosa que vai morrer, e as suas palavras, ainda ha pouco tão impetuosas e vehementes, suspiram, como um suave arrulho, cheio de inefavel melancolia: «ó flôr selvagem tão adoravelmente bella — e cujo perfume tão suave embriaga dolorosamente os sentidos — quizera que nunca tivesses nascido!»

No poeta do *Vinho e Fel* á injuria, á imprecação, á violencia ferina e tumultuosa succede o esmorecimento, a tristeza, e uma extranha e melancolica piedade:

Sob o influxo da negra fantasia,
E do ciume fatal, que me atormenta,
FuriOSO insulto com paixão violenta
A Musa, que nas sombras me alumia.

E és tu, nesta idade sem poesia,
O lirio que em minh'alma se alimenta!
Eu, porém, sou qual fera truculenta,
Que esmaga aos pés a flôr que lhe surria...

Não quero o teu perdão que o não mereço;
Aí! seja o teu desprezo o meu castigo,
E morra deste mal de que padeço.

Mas que ao menos no fúnebre jazigo,
Em recompensa do meu fado avêso,
Eu fique em marmore a dormir contigo.

Mas a paixão cresce, dilata-se, ondeia, cresce em serras e transborda, e o molde severo e rigoroso do soneto estoura, não podendo conter todo esse mar de indignação e de colera, que referve e estúa no peito do poeta.

O desespero continúa, o ciume solta rugidos formidaveis e o improprio dilacera a victima:

Foi rude, senhora, o choque,
Foi segura a punhalada!
Nem melhor vibrára o estoque
Um assassino de estrada.

Aborreceira-lhe a farça,
O casto veu das amantes,
E partiu, de coma esparsa,
Na corêa das bachantes!

Eu já presentira a sorte
Duma vida sem bonança,
E lia, cheio de morte,
O «lasciate ogni speranza»!

Vira nas dobras da stringe
Na vestal da etherea chamma
A nodoa, que o vicio tinge,
Da côr impura da lama!

E nesse penar immenso
Inda veria nuttite,
Como o naufrago suspenso
Duma palha fluctuante!

Agora nem vejo os traços
Do temporal desabrido,
Sómente me fere a espaços
O flebil som dum gemido.

Foi como a visão das plagas
Que o mar desenha na espuma:
A lucta de imagens vagas,
Que se dissolvem na bruma.

Nas *Lagrymas de crocodilo* o poeta diz cheio de azevedume:

Não chores, Maria! o pranto
Que turba teus olhos lindos,
Vai roubar á terra o encanto
Da visão dos ceus infindos.

Poupa-me o resto da farça
De teus fingidos amores:
Nem tanto vale um comparsa
Do côro dos trovadores.

Nessa fronte pensativa,
Nessa pagina tão bella,
Tens impressa a nodoa viva,
Que teus instinctos revela.

És da raça dos abutres
E vendo a rôla que parte,
Em teu animo só nutres
O desejo de vingar-te.

E remata sarcasticamente:

Solta essas tranças ao vento,
Nem por tão pouco entristeças,
Vê que passa um regimento,
O pachá de cem cabeças!

Pena é que não possamos reproduzir todo esse poema elegiaco, em que a Dór e o Ciume se lamentam com tão digna e sobranceira altivez.

Um dia a inspiradora dos versos de João Penha partiu, o poeta viu-a sahir de casa, collocar com petulancia o pé leve e pequeno no estribo da carruagem, saltar para dentro, e sentar-se ao lado da mãe e das irmãs, risonha, feliz, radiante... e ouviu depois o rodar do trem...

Passados dias, a *Folha* publicava o *Ultimo adeus*, que é a derradeira e sentida estrofe do poema amoroso da vida do poeta:

Não venho, senhora minha!
Ao som dum threno chorôso,
Lembrar-lhe a historia mesquinha
Dum romance desditoso.

Foi-se o tempo das baladas,
E os Romeus dos nossos dias
Não sabem das alvoradas,
Nem da voz das cotovias.

O Mouro da tez adusta,
Quebrado o punhal sangrento,
Nem Desdemonas assusta,
Nem solta canções ao vento.

Que o deus das faces mimosas,
A loira criança imberbe,
Hoje dura como as rosas
Da poesia de Malherbe.

Eu quiz um sonho mais largo,
E no banquete da vida
Deu-me a sorte um fel amargo
Numa taça corrompida.

E quando afficto e convulso
A quiz arrojár ao longe
Senti-me escravo, e no pulso
Tinha os cilícios dum monge.

Mas perdão, senhora minha:
Que não venho em tom choroso
Lembrar-lhe a historia mesquinha
Dum romance desditoso.

Venho, enxutas as pupilas,
E conforme as etiquetas
Depôr-lhe nas mãos tranquillas
Este ramo de violetas.

Deu-mo ha pouco uma andaluza,
Que o recebeu dum toureiro:
E desta origem confusa
Vem-lhe um destino agoreiro.

Que bello na trança linda,
Que bem no fino thesouro!
Mas hade infetar ainda
As pontas curvas dum touro.

Em todos esses versos as *notas agudas do pifano misturam-se ás graves do violoncello*, a ironia e o sarcasmo entrelaçam-se á melancolia, a gargalhada estridente funde-se no grito dilacerante do desespero.

Se a transcrição nos não levasse longe, transcreveríamos as poesias *Tempesdades*, *Nupcias*, *Alma e corpo*, *Locusta*, o *Baile do Burgrave*, uma tela de Rubens temperada pela filosofia de Hogarth, a *Trança de Maria*, donde destacamos esta formosa quadra:

Qual a flascida lampreia
Se enrosca, aos saltos, na põça,
Tal nas espaldas da moça
A trança gentil se enleia.

e ainda a poesia *Á beira-mar*, que principia por esta quadra, que parece orvalhada pelas lagrymas da Melancolia:

Ai! que tristeza quando o sol desmaia
Ao longe, ao longe, nas ceruleas vagas,
E a noute desce á merencoria praia,
E o lombo chora nas longinquas plagas!

Emfim seria um nunca findar, tantas e tão excellentes são as poesias que o poeta escreveu e semeou, com a prodigalidade de um Buckingham, por todos os periodicos literarios de Coimbra.

Ao que não resistimos é á reproducção total de *Balada*, formosa composição, que tem a viveza, o primor e a graça de uma risonha bachanal, palpitando de vida, no baixo-relevo de um sarcófago grego:

Essa mulher, que em sonhos me tortura,
Nas feiras de Stambul fóra sem preço!
Que face bella na subtil moldura!
Que labios sensuaes, que rir travesso!
Que mão se aponta que em Sevilha rufe
Mais doce e linda o sonoro adufe?

A chamma ardente de seus olhos brandos,
Fontes de mel ou de peçonha amára,
Á clausura dos monges venerandos
Mais que o demonio tentações levára:
Contra os filtros subteis duns olhos pretos
Nem resistes o pavez dos amuletos.

Mas no pé, nesse mimo sem quilate,
Causa perenne do femineo arrufo,
É que a gentil morena o luxo abate
Das glorias mais sublimes do pantufo.
Esse que o nega sem medir a afronta
Que vinho encerra na cabeça tonta?

Um sapateiro illustre e cavalheiro,
Ao tomar-lhe o contorno da botinha,
É voz que disse d'alma e verdadeiro:
«Se eu fôr um dia rei, salvê rainha!»;
E que vendo perdida a ingenua frase
A propria fronte decepou da base.

Pé flexível, sem tumido capricho,
Excedera o da célere Atalanta!
Na China um mandarin déra o rabicho
Por uma dama de tao breve planta.
Que selvagem de rabido colmilho
Se detivera no chapim casquilho?

Contrario ao da mulher que á serpe esmaga
No globo azul a fronte de esmeralda,
Ergue-se o amor em furiosa vaga
Mal o divisa nos setins da fralda.
Mas interrompa-se a epopeia lesta,
Que já vacilla o fogareu de Vesta.

Depois de formado, João Penha abandonou o atalho caprichoso e pitoresco da poesia, pela estrada severa da jurisprudencia, apeiou-se do Pegaso para se amezendar pachorrenamente no dorso da manhosa rabulice.

Procederam como elle dous dos poetas mais insignes do Porto, Soares de Passos e Alexandre Braga; ambos estes poetas, porém, antes de renegarem da poesia, a quem deviam tantos mimos, colligiram em volume os versos de sua mocidade, e lançaram as suas poesias ao publico, talvez com a mesma saudade, com que o rei de Thule atirou a sua taça ao mar...

Porque não faz João Penha o mesmo?

Reunindo em volume as inumeras poesias, que andam dispersas pelas folhas periodicas, o poeta alcançaria entre os modernos o eminente lugar a que tem incontestavel direito pela sua poderosa e original individualidade, e não olharia com melancolico despeito para os que partiram depois d'elle e já

vão tão proximos da bahia, nos Jogos Olimpicos da Arte e da Poesia.

Um livro só, dirão, é pequena e modesta bagagem para o renome, para a popularidade, e para a gloria; devemos porém lembrar-nos que dos cincoenta volumes do abbade Prevost sómente um sobrenadou e chegou á posteridade — *Manon Lescaut*, uma perola — e que se Boccacio é hoje conhecido, não foi porque levou os ultimos annos da vida a escavar e a desenterrar os manuscritos da antiguidade, a prégar durante dez annos, numa egreja, a palavra do Dante, a compilar eruditos e laboriosos tratados de historia, mas simplesmente porque escreveu, quando moço, e *forçado por quem tinha grande poder na sua alma*, como elle proprio diz, cheio de contricção, um livro risonho de contos licenciosos, que lhe deu a immortalidade e a gloria — o *Decameron*.

Lisboa, 22 de julho de 1878.

Gonçalves Crespo.

DIA DE INVERNO

Mefistofelico, esguio,
Trota o frio

Na egua vesga, endiabrada
— A nortada.

O *Sagitario* feroz
Crava em nós

As setas e os bisturis
Do pleuriz.

Nos troncos dos arvoredos,
Nos rochedos

O vento, o grande organista,
Fantasista,

Toca tremendos galopes
De ciclopes

E valsas doidas, macabras,
Para cabras.

Os velhos escripturarios
Salaftrarios

Gelam dentro das alpacas,
Como facas.

Não sei que tremula harpia
Assobia

Damnadas canções funestas
Pelas frestas.

Dos vagalhões — ursos brancos —
Sobre os flancos

Estoira o chicote agreste
Do nordeste.

As creanças expirando
Vão em bando,

Mortas, da côr das opalas,
Para as vallas.

E do conejo feliz
No nariz

Dezembro arvora a bandeira
Petroleira.

Guerra Junqueiro.

INCOGNITA

(A JOAQUIM D'ARAÚJO)

Eu vejo-a sempre no final do dia,
Quando as saudosas nuvens do occidente
Vão desmaiando harmoniosamente
Aos meigos sons da triste Ave-Maria.

Sua estatura de altivez sombria
Passa na vaga luz do sol poente
Como o fantasma, a sombra penitente
Da antiga Musa solitaria e fria.

Direis ao vél-a que uma enorme pena,
Que um martirio satanico e profundo
Morde-lhe as fibras d'alma e as envenena;

E ella atravessa os gozos deste mundo
Com a santa palidez da Magdalena
E com o olhar do Christo moribundo.

Roma.

Luíz Guimarães Junior.

A FABULA MODERNA

I

Ia o Rei-Sol caminho de Versailles,
Do enfado, do ocio e do prazer exausto;
Às turbas que o vêem passar — dá-lhes
A vertigem das pompas e do fausto!
Vistasas damas, guapos cavalleiros,
Luxuriosos abbades, vãos marquezes
Seguem-no altivos: vão passar os mezes
Das fortes calmas nos jardins fagueiros.

Cavalleiros e damas, são planetas
Desse centro duma atracção sublime;
Exaltam-no os cesáreos poetas,
Porque o arbitrio seu mata ou redime!
Ellè illumina e dá calôr á França,
A Justiça é a espada que elle vibra;
E da nação a vida se equilibra
No tédio immenso do Poder, que o cansa.

E emquanto passa em coche relusente,
Erguendo o pó de uma grandeza stulta,
Saudou mudo o monarcha omnipotente
Um bando d'homens, que o calôr sepulta:
Um bando que trabalha abrindo a estrada
Inda não pronta, que a Versailles leva,
A comitiva rompe a custo; e séva
Paira a vista do rei como indignada:

«Miseraveis! ainda a obra em meio!...
«Não sabem que hoje de Paris me movo?!
«Ah! venha Lafontaine... (O poeta veiu.)
«Quero me conte a fabula do Povo,
«Desse infame, que a clemencia esgota.»
Um apologo antigo contou breve,
E, como a mão que a sentença escreve
A Balthazar, mostrou visão ignota:

II

Debaixo de um sol de agosto,
Na fadiga,
A que a precisão obriga,
Gira da aurora ao sol posto
A Formiga.

Aqui sóbe, ora ali desce,
Quasi esbarra;
De manhan, té que anoutece
Canta ociosa dentre a mésse
A Cigarra.

Chega a enxurrada de outubro:
«Minha amiga!
«Fome e febre... este olhar rubro...
«Que negra crise descubro...
«Ai, Formiga!»

Com frio, faminta, inquieta,
Seu mal narra;
Volveu a outra: — Pátéta!
Cura a febre com dieta,
Ó Cigarra!

Chasqueavas-me em agosto
Na fadiga,
Com descuidada cantiga;
Hoje vae-te, e dança a gosto
Da Formiga.

III

E foi o seis de outubro o grande dia
Da tremenda justiça! Dia amargo
Do embate de dous mundos!
Pelo caminho, que a Versailles guia,
Irrompe a multidão, que abafa ao largo
Doéstos iracundos.

Como o baixel soçobra, assim a côrte,
A guarda real, os nobres favoritos
Entre a plebe se sómém!
No secular festim libou-se a morte,
E dos oppressos os supremos gritos
São os Direitos do Homem.

Theophilo Braga.

CONFIDENZA

Quando a minh'alma porventura a beija
O teu limpido olhar, formosa amada!
Tem as consolações que ella deseja,
A pobre encarcerada.

E como um rouxinol preso se agita
Nas grades do seu carcere a voar,
Assim ella, tristissima, constricta,
Vem toda ao meu olhar...

Joaquim d'Araujo.

BRANCAS E MORENAS

As alvas filhas do Norte
Bebiam nos seus geleiros
O nectar dos neveiros,
A fria essencia da morte,

Emquanto aos vulções e as flôres
As noivas do Meio Dia
Roubavam toda a magia
Do filtro dos seus amores.

E as pobres filhas do gelo,
No seu supremo desmaio,
Pediram ao sol um raio
Que lhes doirasse o cabelo.

E o raio desceu apenas
Se ouviram prantos e queixas,
Mas, ao doirar-lhe as madeixas,
Doirou a fronte ás morenas.

Freitas Costa.

SONETO

Diz em letra vermelha a Escritura,
Eterno pregoeiro da verdade,
Que quanto mais se abaixa a criatura,
Mais se eleva, perante a Divindade.

Assim como perante a Magestade,
Que é cá na terra a sua imagem pura:
Um rei nunca elevou á dignidade,
Senão a mais ridicula figura.

Teem os reis tão bem compreendido
Esta regra do Novo Testamento,
Que, até mesmo em concursos, é sabido,

Nunca a imprensa, nunca o parlamento
Se queixou delles terem preterido
O ultimo em serviços e talento.

João de Deus.

ENCEIO

(DA ANTHOLOGIA GREGA)

Possa eu tornar-me em alvo lirio
E tu, passando em dôce enleio,
Beijar-me em soffrego delirio
E agasalhar-me no teu seio.

Thomaz Ribeiro.

